Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco nº 74 - Distribuição gratuita - *www.suplementopernambuco.com.br*

PERNAMBUCO

RICARDO MOURA

O VERÃO DE MICHEL FOUCAULT

A PASSAGEM POR PERNAMBUCO DO PENSADOR, QUE SE VIU ENTRE CARRINHOS DE RASPA-RASPA E ACUSAÇÕES DE DESRESPEITAR MARX

RICARDO LÍSIAS | ENTREVISTA COM MAURO VENTURA | JOSÉ LUÍS PEIXOTO

GALERIA

JAÍNE CINTRA

"Quatro dias depois de estar no Porto (Portugal), num domingo, tive coragem de enfrentar os 8 graus de uma frente fria que também havia acabado de chegar. Achar uma declaracão de amor com vista para o Rio Douro, numa ponte interditada para reformas, me fez acreditar em tempos melhores. E eu não estava errada."

www.blogarte.multiply.com
jainecintra.com

CARTA DO EDITOR

A cena é forte e é descrita com todas as suas sensações térmicas e emocionais: "Michel Foucault acabara de escrever *A história da sexualidade (Vol. 1) - A vontade de saber* quando, em um mês de novembro de 1976, colocou os pés franceses na areia da praia do Pina. Na cabeça careca ainda circulavam palavras e coisas como presbiófilos, mulheres disparêunicas, ginecomastos, invertidos sexoestéticos, automonossexualistas. Acrescentou à lista de problemas/perversões cuidadosamente normatizadas algumas importantes imagens. 1 – Homem vendendo algodão doce; 2 – Garota expondo a Grande Bunda aos céus; 3 – Menino rolando na areia; 4 – Jovens beijando-se dentro d'água; 5 – Senhora fritando peixe; 6 – Rapaz moreno forte de *short* baixo, de "physionomie agréable" (no português atual simplifica-se para 'gostoso')."

É assim que tem início a matéria de capa da nossa edição de abril: a recuperação que a jornalista Fabiana Moraes fez da passagem por Pernambuco de um dos maiores nomes do pensamento francês do século passado. Foucault esteve entre os cartões-postais do Recife e Olinda e vivenciou um misto de fascínio e medo diante do que sua figura representava. O trabalho de Fabiana só ressalta o compromisso do **Pernambuco** em recuperar não apenas a nossa literatura, mas também parte da nossa história.

Ainda nesta edição, publicamos uma dobradinha com o escritor paulistano Ricardo Lísias, um dos nomes mais representativos da nova safra da literatura brasileira. Lísias comenta detalhes do seu novíssimo romance, *O céu dos suicidas*, na seção bastidores, obra movida por tensões ficcionais e biográficas. Um trecho da obra é publicada em Inéditos. Sua trama foi movida pelo suicídio de um dos melhores amigos do escritor. "Com exceção da minha família, o André foi a única pessoa que esteve no lançamento dos meus três primeiros livros. A gente era amigo de conversar até tarde, andar de bicicleta de noite e falar das meninas. Outras coisas só tenho coragem de contar na ficção", revela o autor em seu depoimento.

Ronaldo Bressane volta a colaborar com o **Pernambuco** com um perfil revelador da escritora e crítica Vilma Arêas, que fala sem rodeios sobre política e Clarice Lispector.

Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes, Debóra Nascimento, Ingrid Melo, Mariana Oliveira e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Janio Santos, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Por um paraíso sem qualquer condenação

Para bem longe do olhar trágico das religiões sobre os suicidas e sem se importar com os limites da ficção, escritor paulistano lança o seu livro mais ambicioso

RICARDO MOURA

Ricardo Lísias

Em 2008, quando eu estava me preparando para colocar um ponto final em *O livro dos mandarins*, recebi um telefonema desgraçado: "Ricardo, o André se matou".

Para fazer faculdade, fui morar no interior. Os amigos tornam-se a nossa família. O André era um dos meus irmãos. Depois, a gente se formou e cada um foi para o seu lado. A piada no último mês de curso era a expressão "procurar a própria história". Ele ficou em Campinas dando aula em um colégio importante. Voltei para São Paulo decidido a investir tudo na ficção. Mesmo assim a gente se encontrava no mínimo uma vez por mês. Eu o conheci há dez anos.

Com exceção da minha família, o André foi a única pessoa que esteve no lançamento dos meus três primeiros livros. A gente era amigo de conversar até tarde, andar de bicicleta de noite e falar das meninas. Outras coisas só tenho coragem de contar na ficção. Com o passar dos anos, sinto cada vez mais dificuldade para encontrar proteção. Li Coetzee pela primeira vez por indicação dele. Também retribuí, mas não deu tempo: André, você tem que ler *Noturno do Chile*. Ele comprou, mas antes de abrir resolveu ir para um lugar que eu não conheço.

Não sei quanto tempo ele planejou essa viagem. Sobre isso, nunca falamos. Quando fui para Budapeste, ele pediu um livro em húngaro. Da Austrália, trouxe um marcador de livro com motivos aborígenes. Buenos Aires, apesar de nunca ter saído do Brasil, ele conhecia tão bem como eu. Tínhamos personalidades diferentes: fui conhecer o mundo; ele viajou para um outro.

Nos primeiros meses depois do telefonema, racionalizei. Não pensei muito no assunto. Terminei e publiquei o meu livro. Fui dar aula para arranjar dinheiro e pagar as dívidas que a trabalhosa redação de *O livro dos mandarins* me causou. Também achei que um ato simbólico me separaria com mais facilidade do meu grande amigo: joguei no Rio da Prata, em Buenos Aires, uma camiseta linda que ele tinha me dado. O André só comprava presente bom.

Ele dizia que era um cavaleiro templário. Minhas namoradas o adoravam. Quando conheceu a K., ajoelhou-se e entregou uma flor que carregava na mochila. A S. o achava um charme. No começo, isso me deixava intranquilo, já que o André era muito bonito. Os olhos dele, antes da tragédia toda, paravam o trânsito, como se diz aqui em São Paulo.

Quando voltei a escrever, depois do descanso que tiro entre cada livro, percebi que estava com um problema: eu só conseguia falar do meu amigo. A propósito, dois dos textos desse período saíram aqui no **Pernambuco** mesmo. Tentei escrever um conto narrado por um suicida, mas não deu certo. Fiz algumas pesquisas e descobri como as religiões, por exemplo, são violentíssimas com os suicidas. Acho que tenho algo importante para dizer: a gente não sabe.

O assunto começou a me dominar. Lembro que eu não aceitava ninguém colocando qualquer problema em um suicida. Comecei a ficar muito nervoso e, como se não houvesse outra saída, planejei *O céu dos suicidas*. Primeiro, eu era um escritor, autor de *Duas praças* e *O livro dos mandarins*. Não deu certo de novo. Então, virei um especialista em coleções. Já tive os meus selos, é verdade, e nesse momento estou concentrado ajuntando camisetas de corrida. Mas não vou dizer o que *O céu dos suicidas* tem de não ficção. É um segredo que quero ter com o meu amigão. O nada seria a resposta mais cômoda, mas eu tenho medo dessa palavra.

Escrevi o romance em meio a uma enorme crise existencial, emocional e afetiva durante todo o ano de 2011. Se o André estivesse aqui, ele teria me ajudado. Eu não soube o que fazer no pior momento da vida dele. Ainda sinto alguma culpa, embora tenha conseguido elaborar muita coisa. Os livros cercam todas as paredes do galpão onde moro porque eles me protegem. Aqui atrás, ninguém me derruba.

Veja trechos do novo livro de Ricardo Lísias na seção de **Inéditos**

CARTUNS
CARAMURÚ BAUMGARTNER
HTTP://CARGOCOLLECTIVE.COM/CARAMURU

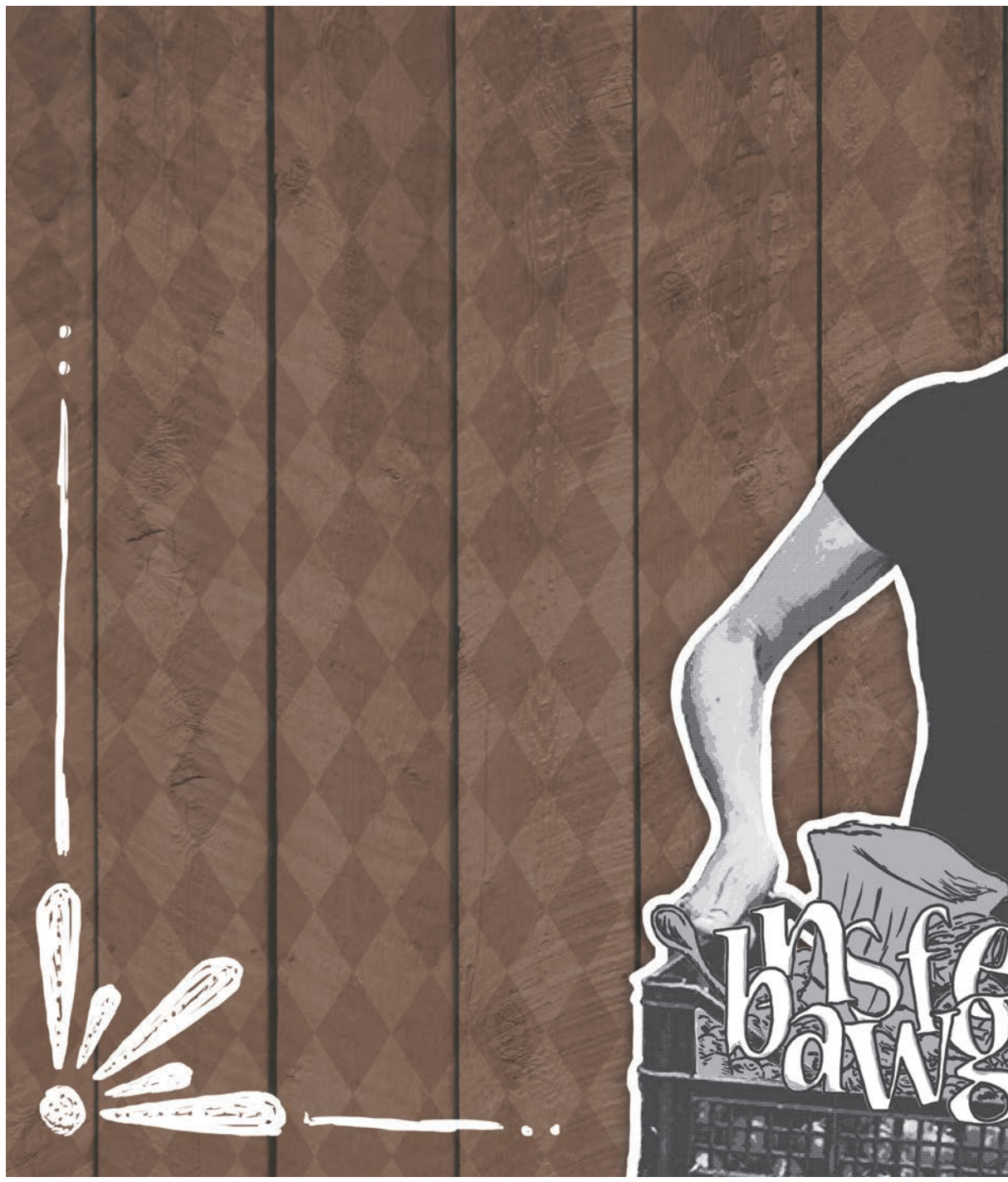
RESENHA

Chef relutante e uma escritora bem persistente

Gabrielle Hamilton prova que os caminhos, sabores e palavras sabem se misturar

Renata do Amaral

JANIO SANTOS



Um prato de comida não é apenas um prato de comida: traz em si ingredientes como cultura, afeto e memória. A *chef* Gabrielle Hamilton, autora de *Sangue, ossos & manteiga: a educação involuntária de uma* chef *relutante*, sabe bem disso. Seu livro autobiográfico entrou na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos e vem sendo celebrado como um dos melhores já escritos sobre cozinha. Exageros à parte, a obra é mais um sinal de que a gastronomia há muito deixou de ser assunto secundário para virar menu do dia, inclusive na literatura.

Como indica o subtítulo, Gabrielle estava longe de ser uma criança que sonhava em usar uma "toque blanche", aquele chapéu branco de *chef*, e um dólmã, a roupa tradicional da profissão, quando crescesse. Os bicos na cozinha não foram uma escolha: simplesmente aconteceram. Atualmente no comando do festejado restaurante Prune, em Nova York, ela não passou por faculdade para aprender a cozinhar, mas fez isso à moda antiga, na prática, lavando muita louça até chegar ao fogão.

Já o contato com a literatura não foi nem tão involuntário, nem tão relutante: desde pequena ela enchia caixas de cadernos com seus escritos, que buscou burilar fazendo um mestrado em ficção pela Universidade de Michigan, aos 30 anos. Gabrielle já escreveu para revistas cultuadas como a *New Yorker* e foi responsável pela *Chef's Column* do jornal *The New York Times* por oito semanas. Suas colunas também são presença constante na antologia anual *Best Food Writing*, que reúne textos da área.

Para Anthony Bourdain, o livro de Gabrielle é o melhor relato já escrito por um *chef* em todos os tempos. (O autor de *Cozinha confidencial* foi esperto ao excluir dessa gama outras "food writers" que nunca foram *chefs*, mas sim ótimas cozinheiras, como M. F. K. Fisher e Elizabeth David.) No entanto, comparar os livros de Gabrielle e Bourdain, conhecido por mostrar a realidade nua das cozinhas, não leva muito longe. A abordagem dela não tem o tom de "denúncia" e surpresa que fez a celebridade do então *chef* do Les Halles.

Sim, Gabrielle teve várias namoradas, usou cocaína e até passou fome, mas quem espera ver cenas de sexo, drogas e rock'n'roll vai se decepcionar. É o trabalho duro na cozinha que sobressai, em uma prosa ora crua, ora amorosa. Mesmo sem entender muito bem como foi parar na frente do fogão, os sinais ficam claros para o leitor desde o início, quando ela lembra o cheiro de carneiro assado nas festas da sua infância, na Pensilvânia. Ainda assim, ela se surpreende quando, aos 34 anos, abre as portas do seu próprio restaurante.

Bourdain não é o único chef embasbacado com a pena da moça. "Gabrielle aumentou o potencial e elevou o nível dos livros sobre comer e cozinhar. Vou ler este livro para meus filhos e queimar todos os que escrevi por não serem nada sequer próximos deste aqui. Depois vou tentar uma vaga como lavador de pratos no Prune para aprender com a minha nova rainha", derrama-se Mario Batali, do Babbo. "As histórias que Gabrielle conta aqui são tão adoráveis quanto os pratos maravilhosos que ela prepara diariamente", elogia o francês Daniel Boulud.

SEM FASTIO

A relação complicada com a família é pano de fundo da história. Quando reencontra a mãe depois de 20 anos sem falar com ela, sequer se lembra ao certo do motivo do afastamento. O irmão Todd, que trabalha em Wall Street e com quem mal fala, é acionado para contratar um advogado quando ela se envolve em um desvio de dinheiro em um restaurante onde era garçonete. A irmã Melissa, por outro lado, aparece como quase um anjo da guarda que surge nos momentos mais difíceis.

Aos 19 anos, Gabrielle faz um mochilão na Europa naquele que foi, na época, o inverno mais frio do continente nos últimos 50 anos. Passa por países como França e Grécia e lá aprende muito sobre co-

mer e cozinhar, além de experimentar o não comer pela primeira vez, com os US$ 1,2 mil em *traveler's checks* rapidamente esgotados. Considera que a fome foi tão importante no processo de se tornar uma cozinheira como saber lidar com facas – e ser alimentada por estranhos passou a ser inspiração para o acolhimento dos clientes no Prune.

"Passar tanta fome naquela viagem me levou a passar um tempo tão enorme sonhando com comida, que cada ânsia se tornou fanaticamente peculiar. A fome nunca era geral, de apenas algo, qualquer coisa, para comer. Minha fome se tornou tão específica que eu podia nomear cada um de seus cantos e dobras. Salgado, quente, sumarento, gorduroso, doce, seco e crocante, fresco e úmido, e assim por diante." Antes de aprender a lidar com medidor de água ou remoção de lixo, Gabrielle sabia que queria dar de comer às pessoas e saciar sua fome.

A experiência da *chef* relutante se deu nos ambientes mais variados, como em uma colônia de férias em Massachusetts, onde ela se encanta com Emma, uma garota que gosta de vinagre balsâmico, queijo parmesão e pimenta-do-reino. Tudo se explica quando ela conhece o pai da menina e a ficha cai. "Tem um jeito, um jeito particular, que pessoas que trabalham na área usam para conversar umas com as outras sobre comida, e dá para dizer, depois de minutos, que eles fazem parte de sua grande família." Era Mark Bittman, autor de livros de receitas.

Há também passagens por bufês de embrulhar o estômago e fazer o leitor pensar duas vezes antes de se arriscar a levar a mão ao canapé na próxima festa. Não demora para ela se dar conta de que trabalhava há 20 anos na cozinha quase sem querer, desde que começou a lavar pratos, e lembrar do que ouviu da escritora Jo Carson na faculdade: "Cuidado com o que você aprende a fazer bem, porque é o que vai fazer pelo resto da vida." E, pelo menos até agora, a profecia se concretizou na vida de Gabrielle.

COMIDA DE VERDADE

A inspiração para o Prune vem da simplicidade dos sanduíches com manteiga e açúcar comidos no lanche na infância e do tutano de vitela preparado pela mãe. "Nada de espuma, nem comida 'conceitual' ou 'intelectual': apenas as coisas doces, salgadas, amidoadas, sumarentas, frescas que se deseja comer quando se está com fome de verdade. Nada se erguendo do prato, porções generosas, nada de emulsões, nada de coquetéis de camarão servidos em copos de martíni com a pata pendurada para fora da borda."

Aberto em 1999 "para cozinhar para meus vizinhos", como disse Gabrielle ao *New York Times* na época, o Prune faz sucesso com um cardápio minimalista que em nada remete às experiências da cozinha molecular espanhola hoje em voga. É comida de verdade – com pratos como omelete de parmesão, tripa à milanesa e coelho ao molho de vinagre – que faz parte do menu. A banda Velvet Underground rolando no som completa o cenário. Com essa receita, ela foi escolhida a melhor *chef* de Nova York em 2011 pela James Beard Foundation.

Com tantas horas no batente do restaurante, é lá que ela conhece Michele, cliente da casa, médico e 11 anos mais velho do que ela. A relação com o marido – do encanto inicial às rusgas posteriores – e com a família dele ocupa boa parte do final do livro, com ênfase ao contato com a sogra Alda. Como Gabrielle não fala italiano e Alda não fala inglês, é pela linguagem da cozinha que as duas se entendem – e como se entendem! A *chef* passa a esperar ansiosamente pelas férias anuais na vila à beira-mar.

No Sul da Itália, mais encantamento, dessa vez por um velho feirante. "Claro, estou apaixonada pelo cara banguela com as calças escancaradas. Ele é tudo com o que cresci, ele é o fim de uma era, ele é o último exemplo do que era saber comer e saber plantar. Uma época em que simplesmente plantávamos e comíamos, e não falávamos tanto sobre o assunto. Quando não ficávamos andando pela cidade toda nos vangloriando sobre o artesanal, o local, o orgânico, o blá-blá-blá. Simplesmente íamos à fazenda e comprávamos leite."

Com o passar do tempo, o paraíso italiano se transforma em inferno. E ela fica entediada toda vez que alguém a conhece e se admira como se ela tivesse tirado a sorte grande: "Oh! Marido italiano? Férias na Itália todo ano?" Até a relação com Alda estremece quando ela começa a perceber não mais o frescor do molho fervendo nas panelas ou a espessura quase transparente da massa feita à mão, mas sim o bechamel frio instalado no armário desde que foi preparado no dia anterior.

***CHECKLIST*: TER BEBÊ**

Dois filhos entram nessa equação e Gabrielle nem pensa em parar, apesar de perceber que tem limites: "Embora eu nunca quisesse ou esperasse ser o tipo de grávida que repousa languidamente à tarde enquanto coloca fitas de Mozart para tocar perto do útero, ficar agachada no tapete da cozinha com uma esponja verde cheia de sabão, chacoalhando meu feto com uma sequência de xingamentos de fazer enrubescer um caminhoneiro... Bom, com certeza, também não era essa a mulher que eu queria ser."

Quando dois funcionários pedem demissão às vésperas do seu parto, a *chef* explode. "Ter bebê" é literalmente mais uma tarefa na sua lista, que inclui ainda "resolver calda de romã" e "trocar filtros nos exaustores". "Em vinte anos de crônica e compulsiva produção de listas de coisas a fazer, eu havia composto algumas com sequência francamente beckettiana. E é exatamente a anomalia dessa sequência – o *non sequitur* – que faz algumas daquelas listas merecerem um lugar em minha caixa de lembranças", conta.

As jornadas de infindáveis horas em pé na cozinha, no entanto, foram uma boa preparação para a maternidade, segundo a *chef*, já acostumada a noites sem dormir. Tanto que ela prefere ver o copo meio cheio e não meio vazio: "Em algum momento entre o filho número um e o filho número dois, *chef* e proprietária, amamentar e preparar e cozinhar, seguro contra acidente de trabalho e refrigeração comercial, aprendi a reavaliar a quantidade de tempo que tenho para dormir como uma excelente soneca em vez de uma miserável noite de sono."

Trocar uma fralda parece amarrar um frango, conclui. Rotular alimentos para a escola é o que ela já faz desde sempre nas câmaras frigoríficas, acredita. "Como a mulher que está acostumada com sua integridade física e pessoal suporta o sentimento de canibalização que constantemente pode tomar conta da sua mente quando você amamenta, como se estivesse sendo devorada viva, não em pedaços monstruosamente nojentos, mas como uma legião de delicadas e benignas lagartas fabricando renda a partir de uma folha?"

Gabrielle ironiza as pautas das revistas de cozinha, que trazem temas "relevantes" como "o que vestir em seu restaurante caro favorito" ou "os utensílios de cozinha favoritos do chef". "É difícil trabalhar numa área em que as manchetes são essas. Ou pelo menos eu achava meio desmoralizante pensar que todo dia minha contribuição mais significativa para o mundo era fazer ragu de alcachofra em quantidade suficiente para o jantar de um ensaio de casamento, naquela noite." Como se ser mãe e *chef* não fosse suficiente, resolveu ser escritora.

Acostumada a servir desde sempre, ela sequer compreende como os cozinheiros podem ser considerados estrelas pela mídia. "O novo status de *chef* como celebridade me confunde ainda mais. Eu costumava ser uma 'empregada', chegando pelo elevador de serviço, respeitando seu pedido de um bife bem passado, molho à parte, só um cubo de gelo em seu copo de Smirnoff." Sem firulas, direta, simples, mas sempre bem cuidada: tanto a comida quanto a prosa de Gabrielle procuram seguir esse caminho. Não é uma receita complicada, mas funciona.

Renata do Amaral é doutoranda em Comunicação Social

O LIVRO

Sangue, ossos & manteiga: A educação involuntária de uma chef relutante
Editora Rocco
Páginas 352
Preço R$ 39,50

ENTREVISTA
Mauro Ventura

“Espero que esse livro nos ajude a morrer menos”

Misto de reportagem e romance de não ficção, a estreia de Mauro Ventura, repórter especial de *O Globo*, reconstrói uma tragédia comovente da recente história brasileira

FOTO: DIVULGAÇÃO

Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

Se você perguntar por aí sobre o incêndio que, há meio século, destruiu o Gran Circo Norte-Americano em Niterói, é possível que não encontre quem saiba exatamente do que se trata. Pouca gente com menos de 50 anos ouviu falar do caso e, mesmo entre os mais velhos, quase ninguém se lembra dele a ponto de poder reconstruí-lo numa conversa. Aos que não se envolveram diretamente com a tragédia ou com suas consequências, o incêndio, hoje, é no máximo uma recordação remota, um vago registro de tristeza. E mesmo a cidade que serviu de palco à catástrofe, na época capital do Estado do Rio de Janeiro, traumatizada, parece ter preferido esquecer. No entanto, 503 pessoas foram queimadas ou pisoteadas até a morte – o número, claro, é apenas uma estimativa, impossível de confirmar –, e outras centenas, talvez milhares, saíram feridas ou mutiladas, inclusive – ou principalmente – crianças.

É essa história, prestes a se apagar, que o jornalista Mauro Ventura, repórter especial de *O Globo*, reacendeu em *O espetáculo mais triste da Terra*, seu primeiro livro. Quem foram as vítimas? Quem foram os mortos, os feridos, os culpados? Aliás, foi crime ou desleixo? Quais as implicações políticas do incidente? Como a imprensa lidou com a emoção envolvida nos acontecimentos? Qual foi a real participação do cirurgião plástico Ivo Pitanguy no atendimento aos queimados? E qual a origem do famoso Profeta Gentileza – personagem que via no incêndio do circo uma metáfora do fim do mundo?

Como você conseguiu lidar com um material tão denso durante dois anos? Ele invadiu a sua vida pessoal? Como separar as coisas, dormir à noite, desligar-se de histórias tão tristes e impressionantes? Cabe ao jornalista, nesses casos, assumir uma postura profissional de distanciamento emocional, semelhante à dos médicos? Isso é possível, ou mesmo desejável?
Não foi fácil. Ainda mais porque o livro coincidiu com o nascimento de minha filha, Alice. Quando comecei o projeto, minha mulher estava grávida. Então, passei dois anos e meio ouvindo histórias trágicas sobre crianças, ao mesmo tempo em que via minha filha crescer. Ela funcionava como um contraponto aos dramas que escutava, mas igualmente acentuava minha tristeza por aquelas pessoas que haviam perdido o que de mais precioso tinham. E olha que o que está publicado é um pequeno resumo do que apurei. De qualquer forma, a experiência de 26 anos em jornalismo, escutando todo tipo de história, ajudou a manter o distanciamento.

Lendo o seu livro, eu às vezes percebia nele certos recursos narrativos do chamado cinema catástrofe. A construção afetiva dos personagens, a reconstituição de suas últimas horas, as coincidências que os levaram à cena da tragédia, o heroísmo moldado pela força das circunstâncias, a superação nascida da necessidade. Como você chegou a essa forma de contar uma história tão dramática e complexa? Que opções você descartou? E como fez para fugir ao apelo emocional que emana de tantas mortes infantis?
A estrutura do livro mudou muito. Inicialmente, ele era muito calcado nos personagens, que iam e voltavam várias vezes ao longo da história. Mas ficou muito fragmentado, porque na terceira vez que um determinado personagem aparecia o leitor provavelmente já não lembrava

> *Passei dois anos e meio ouvindo histórias trágicas sobre crianças, ao mesmo tempo em que via minha filha crescer*

> *Nossos jornais têm consciência de que a reportagem é o diferencial, junto com a análise mais aprofundada dos fatos*

mais quem ele era. Na segunda versão, isso mudou. Eu agrupei as histórias o máximo possível. Mas ainda assim o livro continuou fragmentado por causa de outro problema: os personagens serviam de introdução aos temas. Assim, para falar do tratamento de queimados eu começava usando um exemplo, para depois partir para a explicação. Também mudei isso. Passei a iniciar com as explicações para depois partir para os exemplos. Com relação ao texto, como o tema era muito denso eu tentei ao máximo não exacerbar esse peso. E, sempre que carregava no drama, tentava logo em seguida emendar com algo mais leve, para dar um alívio para o leitor.

Você diz no próprio livro que, pelo menos de início, enfrentou dificuldades para conversar com os sobreviventes da tragédia. Poucos queriam falar sobre o assunto. E depois de publicada a obra? Você já teve alguma resposta desses leitores-personagens? Eles o procuraram, relataram como foi a experiência da leitura?
Sim, tenho tido muito retorno, não só de vítimas como de médicos. Eu tinha muito medo, porque invadi demais a privacidade das pessoas, e não sabia como reagiriam ao ver exposta uma história que elas nunca haviam contado, muitas vezes nem para os parentes. Como jornalista, estou acostumado a ver os entrevistados se assustarem quando sai impresso em jornal o que falaram em voz alta. Imagine num livro. Mas esse retorno tem sido o melhor possível. Alguns exemplos de frases que tenho ouvido: "Tô maravilhada com tantas verdades"; "Não senti em momento algum que você estava aumentando"; "É uma verdade radical a que você contou"; "É uma dívida que se tinha e que você está ajudando a pagar"; "O livro vai ajudar a gente a morrer um pouco menos, porque o esquecimento é uma segunda morte".

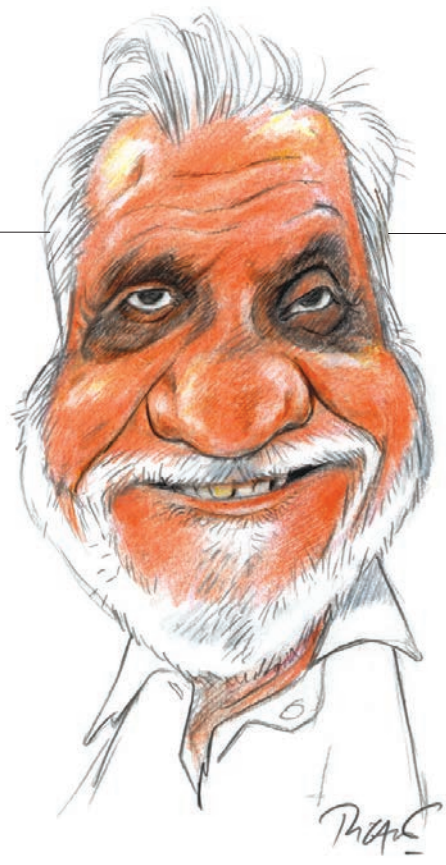
Quando o livro trata da participação de Ivo Pitanguy no episódio, e das acusações de que ele teria aproveitado para se promover a partir do trabalho com os pacientes de Niterói, entramos num terreno bastante espinhoso, difícil de percorrer. Como foi abordar esse assunto com a comunidade médica? E o próprio Pitanguy, falou com você sobre isso?
Essa questão perpassou o livro desde o início. Teve um médico que inicialmente se recusou a participar achando que o livro reproduziria a mesma coisa que vinha sendo dita há 50 anos. Eu achei importante tratar disso na obra porque vi que era um incômodo grande para muitos médicos. Mas era um tema delicado, já que vários profissionais só falaram sob a condição do anonimato. Tive que tomar cuidado para não ser injusto, já que Pitanguy teve uma participação muito importante – embora não tão grande quanto a que ficou para a história. Pitanguy preferiu minimizar a polêmica, dizendo que era muita gente ajudando, em sistema de mutirão.

A impressão que se tem ao ler o livro é a de que nenhuma das vítimas, na época, pensou em se organizar para buscar indenizações junto aos proprietários do circo ou ao município, mesmo não acreditando na versão oficial de que o incêndio teria sido criminoso. Durante o período de pesquisa, essa ideia não ocorreu a nenhum de seus entrevistados? O desejo geral ainda é o de "esquecer" legalmente o que houve? Ninguém depositou sobre você novas expectativas de justiça ou reparação?
Nenhuma das vítimas com quem conversei pensou em recorrer à justiça – e nenhuma delas sabe de alguém que tenha pensado nisso. Imagino que por vários motivos. Primeiro, porque na época não havia essa cultura. Segundo, porque não foi criada nenhuma associação que reunisse e lutasse pelos direitos das vítimas. Terceiro, porque tinha gente que acreditava que o circo era de origem americana, e não ia conseguir ganhar o processo. Quarto, porque achava que dinheiro nenhum pagaria o que se perdeu. Quinto, porque não acreditava na versão oficial, achava que tinha sido uma fatalidade. Ou, se acreditava, achava que não daria em nada porque se tratava de alguém (*Dequinha, condenado após confessar ter ateado fogo ao circo, num episódio duvidoso*) com problemas mentais. Ninguém falou nada comigo sobre o livro servir de base para alguma ação judicial.

Dequinha morreu assassinado. E sobre Pardal e Bigode (*condenados como cúmplices*), não há mesmo nenhum registro? Não se sabe o que aconteceu com eles? O que o Estado tem a dizer a um jornalista a respeito de uma lacuna tão grande?
Não há nenhum registro dos dois. E sobre Dequinha só há porque os jornais noticiaram suas tentativas de liberdade condicional, sua fuga, sua morte. E consegui um entrevistado que se lembrava de sua passagem pela prisão. Eu passei dois anos tentando encontrar a peça básica dessa história, o processo judicial, com todos os depoimentos e a investigação, sem sucesso. E olha que tive o apoio do Tribunal de Justiça nessa empreitada. Eles vasculharam tudo, mas ele simplesmente desapareceu. E se tratava do caso mais rumoroso do país no período. Acredito que, quando houve a fusão do Estado do Rio com o Estado da Guanabara, alguém olhou para aquela pilha de papéis velhos e resolveu jogar tudo no lixo.

Você concorda com o termo "jornalismo literário"? Seu livro pertence ao gênero? E como vai a grande reportagem brasileira? Você lê (e admira) quais dos nossos repórteres? E nossos jornais, têm incentivado a prática desse tipo de jornalismo?
Concordo com o termo, e é exatamente o que tentei fazer, um romance de não ficção, ou seja, dar uma estrutura de romance à reconstituição de um episódio real. Não sei se consegui, mas me sentiria honrado de pertencer a esse gênero. A grande reportagem brasileira já viveu melhores dias. É bem verdade que você tem a *Piauí* e mais alguns espaços nobres, mas é pouco se considerarmos que antigamente havia revistas como *Realidade* e *O Cruzeiro*, e mais espaço nos jornais. Em termos investigativos, admiro Chico Otávio, Antonio Werneck e Vera Araújo, meus colegas do *Globo*. Gosto também da Eliane Brum e do Geneton Moraes Neto. Mas acho que nossos jornais têm consciência de que a reportagem é o grande diferencial, junto com a análise mais aprofundada dos fatos. Porque a informação bruta você encontra em qualquer lugar. E acho que tem havido uma preocupação de alterar esse quadro. Como dizia Tomás Eloy Martínez, temos que encontrar formas atraentes de dar a notícia, é preciso que os jornalistas "contem as histórias de vida real com assombro e plena entrega de ser, com a obsessão pelo dado preciso e a paciência de investigadores que caracteriza os melhores novelistas".

Luís Henrique Pellanda é jornalista e autor de *Nós passaremos em branco*. Leia entrevista completa no site: *www.suplementope.com.br*



Raimundo
CARRERO

Capitu só existe na cabeça louca de Bentinho?

Machado de Assis ajudou a erguer a nossa ideia do que precisa ser um narrador

REPRODUÇÃO

Se Flaubert deu passos expressivos para reformar a técnica do romance, Machado de Assis não deixou por menos. O brasileiro lutou para descaracterizar o narrador convencional usando dois narradores em *Dom Casmurro*, assim como foi demonstrado por Fernando Sabino em *O amor de Capitu*. Bentinho seria responsável pela narrativa linear, enquanto Dom Casmurro usaria as digressões, as crônicas do Rio de Janeiro antigo e as mudanças narrativas, de forma a confundir o leitor para a compreensão do caráter de Capitu, que surge como uma personagem de criação indireta. Ou seja, personagem cuja vida pertence, em princípio, apenas ao narrador – ou narradores – sem passar pelo julgamento dos outros personagens –, nem sequer o do autor.

Assim, Bentinho domina a história, domina as personagens e somente ele pode defini-la. Capitu não pode ser defendida por outros personagens

Marco Polo

MERCADO EDITORIAL

GOTAS

Em *Haikaiando*, Wilson Freire exercita seu minimalismo em poemas e contos humorísticos, poéticos e trágicos

Médico, poeta, cineasta, escritor, compositor, Wilson Freire (foto) nos brinda com mais uma de suas criações. Desta vez o divertido *Haikaiando*, um livrinho de 12 centímetros de largura por seis de altura, editado pela Candieiro Produções. Visualmente muito charmoso, graças às artes de Thiago Cervan, e utilizando uma tipologia que lembra as antigas máquinas de escrever manuais, Freire preenche 107 páginas com minipoemas e microcontos em que, através de jogos de palavras e trocadilhos, faz o leitor sorrir, embora em alguns momentos tangencie uma suave poesia, como em "o tempo bicou/ a casca da noite/ e um novo dia piou"; ou, de modo mais acre, em *Abusada*: "o primeiro foi seu pai/ o segundo seu irmão/ o terceiro foi aquele...", pode nos deixar um pouco travados.

PAULO CARVALHO/DIVULGAÇÃO

e nem mesmo por ela própria, cujas palavras e revelações também pertencem ao narrador. Mesmo no raro diálogo entre os dois, no capítulo 138, procura, estrategicamente, falar com o leitor, sem dar uma verdadeira resposta a ela, distorcendo, assim, a informação. Se o leitor estiver lembrado, o diálogo acontece naquele instante em que Capitu surpreende um possível Dom Casmurro dizendo ao menino que não é o pai dele. Aliás, Bentinho só se torna Dom Casmurro muito bem depois da morte de Capitu.

O leitor ou o crítico pode muito bem verificar, portanto, que Capitu só existe na mente do narrador. É a Capitu que todos nós conhecemos, misteriosa, frívola e sedutora. Ninguém discute isso em todo o romance. Só temos algumas informações no começo da história, e já na perspectiva de Bentinho. Ele informa e julga. No citado capítulo 138, ela pede a Bentinho que prove a traição. Apesar do travessão – que distingue a mudança de voz –, ele faz um comentário a respeito de testemunhas na justiça, mas não responde diretamente. Mesmo assim, o leitor fica convencido da resposta. Uma estratégia narrativa sutil e muito criativa. Algo genial. Creio mesmo que esta é a razão pela qual a personagem não se entrega completamente e cria o mistério narrativo de Machado, sutilíssimo na arte de seduzir o leitor, sem se expor muito. Dizendo e escondendo de uma forma muito clara, mas de alguma maneira obscura, de forma que cria mistério com os elementos internos da narrativa. E com imensa facilidade. Neste caso, basta colocar um travessão, naquilo que pode ser apenas um comentário do narrador na voz do personagem.

Em *Madame Bovary*, Emma está sempre exposta aos comentários: as ações são reais e os amantes existem de verdade. Não é o caso de Capitu. Ela existe mas o seu caso não é tratado por ninguém: fora Bentinho ninguém sabe nada, e Bentinho deixa tudo na sombra, em silêncio e, naquele momento grave do diálogo, o autor faz uma modificação gráfica que satisfaz o leitor, mas não a própria personagem. É importante ler, criticamente, todo o capítulo que, por assim dizer, começa no capítulo anterior onde Bentinho vive o drama de matar ou não o menino.

Na verdade, ele comprou veneno de rato e está em dúvida se coloca ou não no café da criança que corre para ele chamando-o de pai. Ele responde não sou seu pai e é ai que Capitu parece estranha e pergunta o que está havendo, Bentinho explica e é aí que tem início o diálogo.

Isso tudo reforça a ideia da personagem de criação indireta. Ninguém comenta, ninguém analisa, ninguém diz nada. Só ele, e é através dele que a história chega ao leitor.

Depois disso podemos responder afirmativamente à pergunta "Capitu traiu ou não traiu Bentinho?", até porque esta é a vontade do próprio

> "As pazes fizeram-me como a guerra, depressa. Buscasse eu neste livro a minha glória, e diria que as negociações partiram de mim; mas não, foi ela que as iniciou. Alguns instantes depois, como eu estivesse cabisbaixo, ela abaixou também a cabeça, mas voltando os olhos para cima a fim de ver os meus. Fiz-me de rogado; depois quis levantar-me para ir embora, mas nem me levantei; nem sei se iria. Capitu fixou-me uns olhos tão ternos, e a posição os fazia tão súplices, que me deixei ficar, passei-lhe o braço pela cintura, ela pegou-me na ponta dos dedos, e..."

personagem expressa na técnica que Machado de Assis criou para contar a história. Algo genial, sem dúvida. Machado recorreu à criação de uma nova e surpreendente técnica para intrigar o leitor, com enorme simplicidade, e uma tal simplicidade que ainda gera dúvidas nos nossos dias, muito mais de um século depois. Está aí a grandeza da técnica na prosa de ficção.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

I Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:

1. Contribuição relevante à cultura.

2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:

a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;

b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;

3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.

II Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.

III Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.

IV Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.

V Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.

VI Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO
Secretaria da Casa Civil
PERNAMBUCO GOVERNO DO ESTADO

POESIA

Daniel Lima terá novo livro de poemas lançado pela Cepe

Um novo livro de Daniel Lima deverá ser lançado ainda este ano pela Cepe Editora. Trata-se de um volume todo de sonetos, nos quais o poeta retoma seus temas existenciais e metafísicos com a mestria intelectual e sensível de sempre, acrescida de um rigor formal e uma elegância que a forma fixa propicia. O livro terá prefácio da escritora Luzilá Gonçalves Ferreira, que trouxe o relutante Daniel a público.

NOVIDADES

Escrituras Editora lança coletânea de 21 jovens poetas baianos, revelando qualidade e originalidade

A Escrituras Editora, dirigida por Raimundo Gadelha, vem mantendo uma atividade intensa, desde que foi fundada em 1994. Um de seus recentes lançamentos é *Sangue novo*, uma coletânea com 21 poetas baianos nascidos na década de 1980, organizada pelo também atuante José Inácio Vieira de Melo. A maioria dos poetas são inéditos em livro, mas possui blogs ou atuam como recitadores em bienais e festivais literários. A seleção mantém um nível de qualidade regular, mas alguns poetas se destacam: Alexandre Coutinho, com suas imagens insólitas; Daniel Farias, com uma surpreendente maturidade poética; Edson Oliveira, uma grata surpresa por sua originalidade e frescor; e Érica Azevedo, pela contenção e contundência. Uma boa iniciativa da editora, que poderia contemplar outros estados.

CAPA

Na "gaiola de ouro" da nossa consciência

Nos anos 1970, Foucault viu de perto Recife e Olinda e certo receio à sua presença

Fabiana Moraes

Michel Foucault acabara de escrever a *História da sexualidade (Vol. 1) - A vontade de saber* quando, em um mês de novembro de 1976, colocou os pés franceses na areia da praia do Pina. Na cabeça careca ainda circulavam palavras e coisas como presbiófilos, mulheres disparêunicas, ginecomastos, invertidos sexoestéticos, automonossexualistas. Acrescentou à lista de problemas/perversões cuidadosamente normatizadas algumas importantes imagens. 1 – Homem vendendo algodão doce; 2 – Garota expondo a Grande Bunda aos céus; 3 – Menino rolando na areia; 4 – Jovens beijando-se dentro d'água; 5 – Senhora fritando peixe; 6 – Rapaz moreno forte de *short* baixo, de "physionomie agréable" (no português atual simplifica-se para "gostoso").

Para um homem que nutria um imenso interesse pelo mundo que o rodeava, tratava-se de um pequeno espetáculo onde o corpo protagonizava a maioria das cenas – quando não, tornava-se destino maior do que era vendido em forma de doce, fritura, álcool. Foucault ali na Avenida Boa Viagem, tão longe do Collège de France, tão perto dos carrinhos de raspa-raspa, o olho ávido catalogando aquela novidade em signo plural que o cercava. O que se anunciava como mais uma exuberante visita ao país tropical, no entanto, não se confirmou: a praia ensolarada não era apenas o que Foucault esperava. "Ele disse que o colocamos em uma *cage d'or*. Acho que esperava um pouco mais de badalação", lembra Silke Weber, professora emérita da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), uma das anfitriãs do francês no Recife. Silke conheceu Foucault em Paris, onde, ao lado do filósofo Roberto Machado, jantaram juntos. "Era um homem agradável."

A "gaiola de ouro" a qual o filósofo se referia era o Hotel do Sol, onde era comum a presença de franceses em visita a cidade. Apesar de não ser um local de luxo, o ambiente pareceu talvez asséptico demais, pouco popular demais, Zona Sul demais para um homem que já tinha boa noção do País no qual estava: aquela era sua quinta e última visita ao Brasil, onde pisou em 1965, 1973, 1974, 1975 e, como citado, em 1976. Foi o suficiente para entender que não éramos exatamente assépticos, pouco populares e muito menos uma nação Zona Sul. O Nordeste (Foucault visitou também Salvador) era, segundo ele escreveu ao companheiro Daniel Defert, o "verdadeiro Brasil".

Foucault estava acostumado a conciliar suas conferências a programas mais mundanos: não é segredo que o filósofo apreciava uma boa farra, que gostava dos centros das grandes cidades, da mistura, dos bares, dos lugares onde podia finalmente não ter que responder se era estuturalista, ou pós, ou um salvador, ou um traidor. É verdade que, se tivesse de responder, o faria: a paixão que demonstrava sob tiradas brilhantes ou grandes foras em suas conferências não o deixava quando sentava-se à mesa dos botecos.

RICARDO MOURA

Esteve em vários, principalmente no Rio de Janeiro, onde foi pela primeira vez em 1973, convidado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ). Já na primeira visita dirigiu-se à Lapa, para ele o bairro mais interessante da cidade. Tinha um amigo que morava por ali, Hamilton, em cujo apartamento, localizado em um prédio pobre, esteve algumas vezes. No Rio, esteve acompanhado por nomes importantes da intelectualidade brasileira: o filósofo Roberto Machado e o psicanalista Jurandir Freire Costa foram alguns deles. Com o companheiro Daniel Defert, aproveitou os dias aqui para conhecer, em par, a Amazônia e Belo Horizonte, onde ministrou conferências em 1973. Na ocasião, compareceu a uma recepção oferecida por Consuelo Albergaria, que o apresentou ao mundo acadêmico local. "Foi algo semelhante a uma provação, em que deveria ser polido com 'mulheres em longos trajes de noite'", escreveu um de seus biógrafos, David Macey. Naquela noite, um caladão Foucault, que tinha adquirido o gosto pela caipirinha, deve ter se entediado profundamente com brasileiros da elite esforçando-se para adquirir um toque francês – as bandejas de *vol-au-vent* nas mãos dos garçons não estavam ali por acaso, naturalmente.

Mas deixemos rapapés e abusos foucaultianos de lado e voltemos a nos hospedar no finado Hotel do Sol. A estada de Foucault no Recife deve-se em parte à competente ação dos militares brasileiros da década de 1970. Tudo começou em 1975, quando o professor do Collège de France esteve em São Paulo, dez anos depois da primeira visita à cidade, onde havia, na faculdade de Filosofia da USP, um "bom departamento francês de ultramar", segundo as jocosas palavras do próprio filósofo. Ele realizava, naquele mês de outubro, uma série de conferências sobre psiquiatria e antipsiquiatria no momento em que estudantes, professores e jornalistas começaram a ser presos em série. Foucault interrompeu seu curso na USP e, dois dias depois, o jornalista Vladimir Herzog era morto. O filósofo participou de protestos de estudantes (onde fez discurso) e foi, no dia 31, ao culto ecumênico na Praça da Sé, realizado em memória a Herzog e com forte presença dos militares, que tentavam impedir o acesso à catedral. A professora Heliana Conde (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), que está desenvolvendo a pesquisa *Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*, afirma que Foucault acreditava que sua próxima vinda ao País seria barrada. Não foi, mas, em todo caso, o filósofo preferiu palestrar em cidades aparentemente menos visadas pelos militares. Decidiu por Belém, Salvador e Recife – talvez só tenha sabido depois que a capital de Pernambuco era sede do Comando Militar do Nordeste. O livre acesso ao Brasil, no entanto, era vigiado, como confirma recente descoberta da pesquisadora Maria Izabel Pitanga que, no Arquivo Nacional, encontrou um documento do Serviço Nacional de Informação (SNI) com o seguinte texto: "PMF [Paul-Michel Foucault] foi indicado por XXXX, chefe do Departamento de Filosofia da FFCHUSP como professor visitante, para proferir uma série de palestras e apresentar trabalhos naquela faculdade. Na assembleia universitária de 3 de outubro de 75, PMF pronunciou discurso sobre possíveis torturas sofridas por estudantes e professores da USP, ressaltando que a liberdade de expressão e de pesquisa são sinais da garantia da liberdade dos povos, além de prestar homenagens à USP por sua luta pela justiça. O nominado é considerado um dos maiores filósofos da atualidade e pertence à corrente antimarxista conhecida na França como Democrata Socialista. Foi manobrado a tomar posição contrária ao governo na assembleia de 23 de outubro na FAU por XXXXX e XXXX, conhecidas pela ação esquerdista na Faculdade" (o XXXXX funciona para manter em segredo o nome de pessoas ainda vivas).

Apesar de acessar livremente o País, a clara postura do francês contra o Regime Militar teve seus reflexos – aqui, sob forma de uma reunião que jamais aconteceu. Um jantar organizado por um casal local para dar as boas-vindas ao pensador-celebridade é o maior exemplo: a hora do encontro ia se aproximando e os convidados começaram a ligar informando, cada um com sua desculpa, que não poderiam comparecer. A anfitriã ligou para Silke Weber para compartilhar o constrangimento e informar que estava cancelando o jantar. O fato é que vários daqueles que bradavam o nome de Marx aos quatro ventos tiveram medo de

CAPA

RICARDO MOURA

se ver associados ao filósofo. Mais difícil admitir: a clara homossexualidade de Foucault também parecia causar certos melindres. Sobre tal questão – o preconceito que burramente eclipsou em alguns o fato de o senhor Michel ser um consistente pensador –, vale destacar uma matéria publicada na *Folha de S. Paulo* no momento em que o filósofo estava no Nordeste, cujo título é *Foucault na Bahia, atrás de Eros*: "Envolto num proposital anonimato, o 'maitre à faire' Michel Foucault desembarcou dias atrás em Salvador (...). E por lá continua, despreocupado, sem explicar os motivos reais (se é que existem) desta sua nova incursão ao Brasil. (...) As mais recentes escavações do 'arqueólogo do saber' estão agora voltadas para outra de suas curiosas teorias, a da diferenciação entre a arte erótica (tipicamente oriental) e a prática erótica (tipicamente ocidental). (....) Na Bahia, sabe-se, as coisas se passam de modo único e diferente. Iconoclasta nato, o francês Foucault não está deixando por menos em seu périplo baiano: a única companhia por ele julgada conveniente em seus momentos de relax tem sido um guapo rapaz, culto e belo, conhecido naquelas plagas como Paulete. Elementar, diria, para quem costuma afirmar ter um prazer quase erótico em sua 'artesania'". Foucault era, sem surpresas, uma *persona non grata*.

Ao mesmo tempo em que era rechaçado por comentários maldosos e fãs acovardados, Foucault era extremamente assediado por estudantes que queriam chegar mais perto para ouvir o integrante do Collège de France. Ele mesmo afirmou que nunca havia encontrado, na vida, tantos estudantes "ávidos em saber" como no Brasil (mesma opinião foi dita sobre a Tunísia). Havia, no entanto, uma não muito agradável questão: Marx era constantemente trazido à baila pelos intelectuais e estudantes que o procuravam, o que teria aborrecido profundamente o visitante. Um daqueles que cutucou o filósofo com o "Barbudo" durante o minicurso realizado no prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas foi Gadiel Perrusi, hoje professor aposentado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. "Foucault disse que a trajetória cultural do mundo ocidental havia começado na Idade Média, no momento em que se instituiu a confissão católica. Eu pensei 'ai meu Deus do céu'... e perguntei, com muito cuidado, se nossa trajetória não havia começado com a acumulação primitiva do capital", conta. Foucault, que gostava de ter a última palavra, foi enfático. "Eu tenho o direito de criar a minha própria periodicidade." Ganhou mais fãs e mais opositores. Ao contrário da maioria daqueles que tentavam chegar perto da magnífica cabeça do senhor Michel, o professor não era um tributário da graça foucaultiana. "Ele era muito vaidoso e suscetível a qualquer crítica. Era palavroso demais."

Heliana Conde pontua que o filósofo nunca se disse antimarxista, embora, em um momento de raiva, cansado das mesmas perguntas repetitivas ouvidas em solo brasileiro, tenha exclamado: "Não conheço esse senhor!" (referia-se, claro, a Marx). "Os focos das criticas de Foucault eram a 'comunistologia' – obediência dos intelectuais aos ditames dos partidos comunistas – e o 'marxismo acadêmico' – para o qual só poderia dizer-se marxista aquele que citasse infinitamente Marx, enquanto o próprio Foucault, que o utilizava, fosse visto como não marxista ou antimarxista. Embora Foucault sempre tenha dito que era impossível, no presente, "ser historiador sem ser marxista." Havia, no entanto, vácuos consideráveis entre os pensamentos dos dois hits acadêmicos, diz a pesquisadora. "Foucault rejeitava que se metesse dialética em tudo, acolhendo outras formas de transformação que não a negação; contestava o determinismo em última instância pelo econômico, embora não rejeitasse a correlação do econômico com outras instâncias; abominava o 'marxismo humanista', a seu ver nada marxista, aliás."

A pergunta que não parava de ecoar pelo circuito intelectual era "o que diabos íamos fazer com Michel Foucault por aqui?"

Distanciamentos intelectuais à parte, Gadiel Perrusi foi um cavalheiro e levou o filósofo para uma série de locais, procurando entretê-lo, tarefa que compartilhou com Silke Weber e Maud Fragoso, autora do livro *Mulheres encarceradas*. A pesquisadora ficou preocupada quando todos começaram a se afastar do autor de *Vigiar e punir* com medo de levar um beliscão da ditadura. "O que diabos íamos fazer com Foucault aqui?" Foi uma espécie de *Amazing Race* intelectual, onde não faltou atração turística para dar conta do tempo livre do respeitado senhor: Perrusi o acompanhou a Igarassu, onde visitaram a Igreja de São Cosme e Damião, e ao Convento de Santo Antônio e ao Engenho São João, em Itamaracá. Segundo Perrusi, o intelectual, depois de várias explicações sobre o funcionamento do engenho, não disse uma única palavra no fim da visita. "Eu não tive qualquer importância nessa passagem dele por aqui, fui apenas seu chofer." Com Silke, ainda acompanhou Foucault a antiga Casa de Detenção do Recife, atual Casa da Cultura. O espaço era de especial interesse, já que, como conta o professor aposentado, o projeto arquitetônico é de origem francesa, quase cópia das antigas prisões gaulesas. Mais: o projeto de Mamede Ferreira (1850) segue o modelo extensamente estudado por Foucault e seus tantos seguidores, o panóptico de Jeremy Bentham em 1785, onde vários indivíduos em cárcere podiam ser observados por uma única pessoa instalada em uma torre. Havia um prédio com a mesma ideia em Paris, o Hospital Lariboisière, de 1839, que o filósofo já conhecia bem. "Ele ficou muito interessado na construção, fez várias perguntas", lembra Silke.

Foucault ainda foi visto em Olinda, passeou pelo Alto da Sé, onde viu os músicos, os vendedores de artesanato, as tapioqueiras que décadas depois foram convidadas a sair do local. Dali ele também viu as duas cidades irmãs mais uma vez, novamente, como sempre, ensolaradas – e mais uma vez, novamente, como sempre, povoadas pelas frituras e pelo álcool, pela roupa curta ou quase inexistente, pelo suor e a pele exposta. Nunca mais voltou ao Nordeste, nem ao Brasil. Morreu oito anos depois, sem conhecer, no Recife, os bares de beira de calçada do Centro, cheios no final de expediente, os turistas que passeavam pela feirinha de Boa Viagem em busca de sexo e juventude, os tatuadores que sentavam-se – tentadores para uns, ameaçadores para outros – ao longo da Rua da Aurora. Morreu no dia 25 de junho de 1984, sabendo que Recife e seu entorno não eram

REPRODUÇÃO

Foucalt: "O Ocidente desenvolveu a ciência da sexualidade"

LEMBRANÇAS
Casa da Cultura, localizada no Centro do Recife, segue o modelo do panóptico; recorte do *Diario de Pernambuco,* noticiando a visita do intelectual

apenas aquele sol, os engenhos, a Casa de Detenção, a Grande Bunda, o peixe frito, o jantar que não aconteceu. Sabia que a cidade também era viva no escuro – que era viva, exuberante, complexa e suada no escuro. Agora está ali, noite e dia, enterrado na região de Ródano-Alpes (Cemitério do Vendeuvre). Agora é ele a atração turística.

Fabiana Moraes é jornalista e doutora em sociologia. Informações de artigos também realizados ao lado de Heliana Conde, pelas professoras Luzia Margareth Rago (Universidade Estadual de Campinas/Unicamp) e Adriana Maria Brandão Penzim (PUC/MG)

"Quando Foucault volta, já é outro"

Entrevista com Heliana Conde

Quando iniciou sua pesquisa a respeito do filósofo e especificamente quando começou seu interesse pelas viagens do mesmo?
Sou psicóloga e leio Foucault desde o início dos anos 1980, quando comecei a participar de grupos e organizações bastante críticos dos percursos históricos dos saberes e práticas *psi* – Psicologia, Psicossociologia, Psicanálise –, inclusive (ou especialmente...) no Brasil. Depois disso, jamais abandonei os textos do filósofo e, embora não o tenha conhecido "em corpo", suas intervenções no campo político-cultural atraíram minha atenção mediante a leitura das biografias escritas por Didier Eribon e David Macey. Através delas, "descobri" as cinco visitas feitas ao Brasil, abordadas por esses biógrafos, como era de se esperar, de modo extremamente sucinto. Na década de 1990, passei a me dedicar à História da Psicologia no Brasil, sempre investigando os "contradiscursos" e "contrapoderes" que propiciaram/propiciam alguma "respiração" no âmbito *psi*, que é hegemonicamente regulador, normalizador, controlador, invalidador das camadas populares etc. Depois de defender minha tese de Doutorado (USP) sobre a *História da análise institucional no Brasil*, comecei a me perguntar por que não me voltava para a presença de Foucault em nosso país, visto que ele era, a essa altura, a principal ferramenta de que eu lançava mão para minha forma de "escrita da História", meus cursos na UERJ e, inclusive, minhas ações eventuais fora da Academia. Elaborei então um projeto voltado tanto à presença do filósofo em nosso país – as cinco visitas, pouco exploradas também por autores brasileiros – quanto aos efeitos e ressonâncias de seu pensamento em diferentes disciplinas – psicologia, história, sociologia etc. – e práticas – movimentos sociais, imprensa alternativa, educação etc. Intitulado *Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*, ele está em andamento, tendo começado em 2009. Trabalho com fontes escritas – bibliográficas, artigos na grande imprensa e imprensa nanica, atas de reuniões universitárias, livros e teses brasileiros sobre Foucault etc. – e entrevistas sob o paradigma da história oral – com pessoas que tiveram contato com Foucault no Brasil e/ou usam a "caixa de ferramentas" foucaultiana na academia ou fora dela.

Depois de 1965, Foucault veio mais quatro vezes seguidas ao Brasil nos anos 1970. Sua não vinda nos 60, além de 65, tem relação com um período mais intenso de ditadura militar (68, AI-5 etc)?
É um pouco difícil responder a essa questão, mas as características da primeira visita e a própria trajetória de Foucault podem fornecer algumas luzes. Em 1965, veio a convite de Gerard Lebrun, professor francês que estava na FFCL-USP como parte da "missão francesa" que vigorava desde a fundação da Universidade – época, os anos 1930, em que vieram, por exemplo, Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss, antes de se tornarem famosos. Em 1965, Foucault dificilmente seria "suspeito" aos olhos dos militares. Estava terminando de escrever seu livro *As palavras e as coisas* e muitos o identificavam com o Estruturalismo, que, embora tivesse seus praticantes marxistas, era predominantemente visto como quase o oposto desse último. Foucault já escrevera *História da loucura*, é claro, mas o livro, de 1961, não teve impacto político até que fosse descoberto, exatamente a partir desses meados dos anos 1960, pelos antipsiquiatras ingleses (Laing, Cooper etc.) e pela psiquiatria democrática italiana (Basaglia). Sendo assim, o nome "Foucault" não teve problemas com a Ditadura em 1965, mas o curso que ministrava na USP à época foi interrompido devido às ações dos militares – estes vigiavam a USP, bastante combativa, e ainda situada então na Rua Maria Antônia. Com 1968 e o AI-5, de certo aumentou a vigilância sobre professores estrangeiros no Brasil. Paralelamente, sob o efeito do "ano das barricadas", também os caminhos de Foucault se transformaram. Em 1969, ele dirigiu o Departamento de Filosofia da Universidade Experimental de Vincennes, permanentemente em luta com o governo francês. E desde seu ingresso, em 1970, no prestigiado *Collège de France*, passou a ter fortes vínculos com os movimentos sociais de defesa dos imigrantes, dos prisioneiros etc, dentre os quais se pode destacar a fundação, em 1971, do GIP (Grupo de Informação sobre as Prisões), que se tornou fonte de inspiração para as lutas contra as prisões em todo o mundo. Sabendo-se que a segunda vinda de Foucault ao Brasil ocorreu a convite do Departamento de Literatura da PUC-RJ, na figura de Affonso Romano de Sant'Anna, pode-se supor que houvesse relação entre a distância temporal e o endurecimento do regime. Cabe dizer, no entanto, que depois do Rio de Janeiro, onde ministrou o curso "A verdade e as formas jurídicas", que causou grande impacto ao relacionar as ciências humanas aos poderes disciplinares característicos das sociedades modernas, Foucault foi a Belo Horizonte, a convite de Célio Garcia, pois a UFMG mantinha um convênio com a Embaixada da França. Na capital mineira, falou em hospitais psiquiátricos, questionando vigorosamente a "indústria da loucura" então vigente. Sofreu sérias críticas então, até mesmo....nas colunas sociais da grande imprensa. Sem responder taxativamente a sua pergunta – as fontes que poderiam contribuir para isso seriam, talvez, os Serviços de Informação.... –, eu diria que "quando Foucault volta, já é outro", e um "outro" que seria bem mais suspeito que o de 1965. Em 1973, a repressão já se afrouxa um pouco – os movimentos de guerrilha estão quase dizimados – , mas os combates no Araguaia estão ativos e logo começará a caça aos integrantes dos partidos comunistas.

Na sua pesquisa, o que há sobre o Recife? Sobre o que ele falou na cidade? E o periplo nordestino foi registrado em algum documento/texto do filósofo?
Mediante as entrevistas de Sillke Weber, Gadiel Perrusi e Maud Fragoso, ele falou do dispositivo da sexualidade - tema de *A vontade de saber*, que seria publicado no mesmo ano. A mesma problematização o ocupou em Salvador (na Faculdade de Filosofia da UBA, em São Lázaro) e na UFPA, em Belém, a convite de Benedito Nunes, que Foucault conhecera quando em férias naquela cidade, já em 1973. Nunca encontrei referência ao périplo nordestino nos textos de Foucault, embora nas cartas que escrevia a Defert ele fale que, ao conhecer o Nordeste, está finalmente conhecendo o verdadeiro Brasil, como lhe diziam os amigos brasileiros da medicina social. Em consulta a *Dits et Écrits*, as referências de Foucault ao Brasil remetem ao entusiasmo por transformações políticas que viu entre os estudantes – que ele compara ao dos estudantes da Tunísia –, bem como ao fato de a psiquiatria brasileira contar tanto com torturadores (provavelmente se refere a Amílcar Lobo, que acompanhou o suplício do deputado Rubens Paiva) quanto com defensores das liberdades, inclusive pondo-se à frente das manifestações de 1968 (provavelmente em elogio a Helio Pellegrino).

PERFIL

Vilma Arêas não esquece nunca, jamais

Escritora revela seu esforço diante do tempo e fala do seu novo livro de contos

Ronaldo Bressane

Vilma Arêas é um azougue. Aos 75 anos, a professora de literatura brasileira na Unicamp, fluminense de Campos de Goytacazes, parece ter bem uns 20 a menos, tal o entusiasmo que sustenta suas frases rápidas, chispadas por leve sotaque carioca. Miúda, lépida, a autora de seis livros não para quieta; no sofá em que se posta para a conversa, joga o corpo para a frente, depois empertiga-se, então senta-se sobre uma perna, daí muda para a outra. Tinha acabado de chegar de um ciclo de palestras em Bruxelas quando recebeu o **Pernambuco** para uma tarde agradável, pontuada por café forte e alfajores no ponto, em seu apartamento no bairro de Higienópolis, São Paulo. Ali, vive sozinha. Ou quase: uns cinco mil volumes lhe fazem companhia – livros em quase todas as paredes, algumas ocupadas por quadros de Sérgio Sister e Paulo Pasta; outras, por fotos dos três filhos e do segundo e último marido, o jornalista Fausto Cupertino, morto em 1984 – depois, Vilma jamais se casou novamente.

Ainda hoje fala com enlevo de namorada do ex-editor do *Jornal do Brasil* – que, pela militância comunista, foi preso e torturado pela ditadura em 1975. O terceiro filho, Francisco – as duas primeiras filhas são do casamento anterior, com o promotor Ferdinando Peixoto –, foi "produzido" em pleno cárcere. "Quando liberaram a visita íntima, Fausto disse: 'bora?'", ri. "Mas não bote que eu fui comunista, porque não era: tinha pavor daquelas reuniões intermináveis do Partidão", diz, lembrando a época em que deu aula de Literatura na PUC/Rio. "Hoje me assumo como anarcoburguesa", sorri, enquanto aponta uma foto enquadradinha para elogiar a elegância do finado esposo. "Ele estava sempre lendo, como nessa foto... Foi o último homem que amei de verdade", confessa, para já emendar uma história. "Quando me separei do pai dos meus filhos, minha avó perguntou o motivo. Disse que não o amava mais. 'Mas então o amor é necessário?', me devolveu ela", conta, citando uma frase de seu conto *Thereza*. "A vó tinha frases assim. Fui guardando. Outra que usei também reflete essa descrença no casamento: 'Quem é cativo não ama'. Ela tinha grandes aforismos. Foi uma cativa, certamente", conta Vilma.

Várias dessas histórias pairam em *Vento sul*, seu livro de contos recém-lançado pela Companhia das Letras (110 págs.), o primeiro após dez anos de silêncio narrativo. Mulheres cativas e fêmeas cativantes são protagonistas de seus violentíssimos relatos. No terrível *República Velha*, por exemplo, a prisioneira é a mulher de um coronel-fazendeiro da região de Campos, pega no flagra com um funcionário deste, um pistoleiro negro. O coronel passa fogo nele e dá um passa fora nela, tratada como puta. De vingança, ele passa a transar com toda garota negra que encontra. Até que... A história lhe havia sido relatada por alguém, há muitos anos. "Nunca me esqueci daquele homem poderoso e do modo como resolveu o problema", diz a professora. "Eu tinha o adultério, a naturalidade do assassinato do amante, a esquisita expulsão da mulher, que ele poupou. Daí pus a história no tempo da República Velha, pesquisei jornais de Campos, observei o jogo das classes e a politicagem da terra, criei a guarnição da anedota, o caráter do fazendeiro. Acabei achando um lugar razoável para a dramaticidade de seu conservadorismo. Mas foi o personagem, que é bem inteligente, quem arrastou a escrita", descreve Vilma. O processo de criação revela: Vilma não tem a menor pressa de escrever seus finíssimos livros – sua literatura não é pontuada pelo *zeitgeist* da moda. Seu livro de estreia, *Partidas*, foi publicado em 1976, quando já tinha 40 anos. "Vou juntando as ideias, tem coisas muito antigas, retomo com calma. O último texto desse livro (o enigmático *O vivo o morto*), levei cinco anos pra fechar, quase desisti, e tudo pra escrever duas páginas. Aí li o prefácio de um livro do José Antonio Pasta e achei o fio", relata.

Escritora mulher, mas não escritora feminista. Seu texto tem uma poesia áspera, mas nunca panfletária, e menos ainda daquilo que negativamente se diz de "poesia feminina" – algo que a má crítica definiria por rarefeito, fluido, macio. Tributária da prosa seca e aguda da italiana Natalia Ginzburg, Vilma tomou um susto quando leu Clarice Lispector. "A primeira coisa que li, *A legião estrangeira*, me deu um susto com a qualidade dos contos. Tive, sim, uma fase de aprender com ela, em especial o ritmo. O ritmo é fundamental na vida: sem ritmo, nada feito. Mas não me influenciou", diz – e, de fato, nada menos parecido com a escrita sugestiva de Clarice do que as imagens lapidares de Vilma. Que refuta qualquer comprometimento feminista de sua escrita. "A questão de gêneros na literatura é uma tolice", exalta-se. "Sou mulher, mas para escrever é preciso independência sob todos os pontos de vista, sexual e econômica. Mulher tem de trabalhar, escolher maridos ou amantes, optar por filhos ou abortos, beber, comer bifes sangrentos... e escrever. Aliás, como os homens, os gays, as lésbicas, os transexuais em todas variações. Não será insensatez falar em sexo dos textos, quando a noção de sexo sofre tamanha revolução?", questiona.

Sobre Clarice, Vilma Arêas, autora do livro de ensaios *Clarice Lispector com a ponta dos dedos* critica a festejada biografia escrita pelo texano Benjamin Moser, publicada pela editora Cosac Naify. "Não gosto nada. O único dado novo que ele trouxe foi a história da mãe. Ele chupou muita coisa da Nádia (Battella Gotlib, autora da biografia *Clarice, uma vida que se conta*). Moser é sedutor, jovem, interessante, mora na Holanda, deve ter um ótimo agente. O livro é bem escrito. Mas tudo o que ele interpretou da Clarice está errado. E ele não conhece o Brasil. Ora, essa história do judaísmo... Clarice não se considerava judia. Era pernambucana, carioca, bruxa, jornalista, socialite, diva, artista, dona de casa, era uma mistura, uma brasileira. Lembro de uma blague que ela soltou quando lhe perguntaram: 'Você acha que os judeus são o povo escolhido?'. Foi ferina: 'Não, o povo escolhido são os alemães. Afinal, fizeram o que fizeram!'. Frase incrível, não?", delicia-se. A admiração pela autora de *A hora da estrela* não permite que a santifique. Na Unicamp, sugeriu proibir por dez anos que os alunos escrevessem teses sobre a Clarice. "Só escrevem platitudes. Clarice é pouco conhecida. Virou santa como foi Fernando Pessoa, só se aproximam dela para adorar... daí, o texto escapa. É preciso ler sua escrita, abandonar o mito", pede Vilma Arêas.

Entre as memórias de Campos sempre sopra o vento sul. Um tema constante em todos os seus livros.

A autora não tem a menor pressa de escrever seus finíssimos livros, sua literatura não é pontuada por modismos

"É minha *madeleine*: o vento me traz as histórias de menina. Era terrível, soprava forte, estragava a plantação, trazia aquela chuvarada...", recorda. A violência da natureza é sub-reptícia nos confrontos de suas breves narrativas – o patrão contra o empregado, a mulher contra o homem, o homem contra o próprio instinto. Alguns desfechos, de tão brutais, tiram o fôlego do leitor. Contudo, a estratégia da escrita de Vilma é lacunar: opta pela elipse, pela síntese, pelo não-dito. Nisso, sua linguagem se aparenta à de um amigo a quem dedica o livro: o poeta mineiro Francisco Alvim. Falamos sobre um dos poemas de Alvim de que este repórter mais é devoto: o radical *Mas*, que contém um único verso – "é limpinha". A professora Vilma faz questão de situar o verso naqueles usuais conselhos do baixo coronelato da classe média, quando trata de recomendar uma empregada doméstica: "Ela é negra, mas é limpinha". O preconceito racial – e em Vilma o estigma é tratado como enigma, por falar pelo interdito – é território que ela relaciona ao jogo de poder ainda colonialista no Brasil do século 21. Como em seu conto *Acervo*, do livro *Trouxa frouxa*, em que certo senador maranhense ensina como tratar com presos políticos. O relato finaliza com sentença tirada de antiga legislação do Brasil-Colônia: "Que a prata, a seda e o pão não sejam tocados pelos negros". Ou como numa narrativa deste *Vento Sul*, a melancólica *Linhas e trilhos*, sobre uma memória de um romance em um trem de subúrbio carioca entre uma professora

DIVULGAÇÃO

“Mas Deus não quis. Vicenzo morreu e ela tentava imaginar inutilmente o que estava fazendo enquanto ele escrevia aquela última carta.
Dias depois o atestado de óbito dizia “morte por diabetes-anthiax da nuca-acidose”.
Não dava para entender quase nada. Aquelas palavras queriam dizer exatamente o quê? Ninguém explicou.
Passou a olhar muito uma foto no cemitério, vestindo luto fechado, a cabeça coberta por um véu, colocando flores no túmulo. Achava que tanto desespero não ia passar jamais.
Mas passou, levado pelo tempo. Então ela tocou a vida, plantando, cuidando dos bichos.
Quebrou o silêncio um dia, quando uma jovem da família se separou do marido. E perguntou.
Mas por quê? Um homem tão bonito, tão preparado.
A moça atalhou. A gente não se amava mais.
A surpresa acendeu, violenta, os olhos castanhos.
Não se conteve.
Então o amor é necessário?
Houve um longo silêncio.
Talvez Thereza tivesse pensado em dizer à moça um dos ditados que mais gostava de repetir: quem é cativo não ama.
Mas não disse.”

Trecho do conto Thereza, presente em *Vento Sul*

branca e um negro “azul de tão retinto”, que a ensina com galanteria como descer do vagão às seis da tarde.

Vilma Arêas cruza o jogo sadomasoquista dos escravocratas colonialistas à tradicional cultura “cordial” brasileira, que trata na manha e na maciota o preconceito racial, transformado em preconceito sexual, de classe, econômico – e político. “Lembro quando a empregada doméstica ganhou o domingo, não faz muito tempo, foi nos anos 60. Uma vez escutei a amiga da minha mãe se referindo à empregada: ‘Ela está no quarto dela, me vê trabalhando, e não vem ajudar! Essa gente não tem *amizade*’. Que tal? Vou colocar isso num conto. Fora que os caras passavam a empregada na cara, né, coisa normal...” Vilma Arêas não esquece.

Ela tem terror de esquecer. “Alzheimer é meu pavor. E tudo conspira a favor do esquecimento. A civilização hoje é contra a memória. As máquinas estão tomando lugar, as pessoas confiam tudo ao Google”, critica a elétrica senhora – que ainda escreve suas histórias na máquina de escrever, para depois revisá-las no computador. Se não se olvida de velhos traumas, Vilma Arêas também é fiel depositária de antigas tradições – que incluem a ética. Daí seu texto apontar para outra escrita tão seca esteticamente quanto reta na moral: Graciliano Ramos. “Um homem como não se faz mais hoje. Vou lhe contar uma história. Está vendo esse relógio de parede? Meu pai comprou numa barbearia no interior de Minas. Arrumou, e ficou uma maravilha. Resolveu depois mandar avaliar. E descobriu que tinha pago bem menos do que o relógio valia. Sabe o que fez? Viajou de volta até a cidadezinha do barbeiro para dar o resto do valor do relógio ao cara – que quase morreu, não acreditou. Isso não existe hoje, meu pai seria considerado idiota. Graciliano devolvia o dinheiro que não usava à prefeitura. Fora que sabia escrever seus orçamentos com classe e exatidão”, elogia Vilma.

Sua paixão é a concisão. Por isso refuta escrever romances. “Os editores me pedem um livro com enredo, grande, a sedução do melodrama, do folhetim... Mas teria de achar outro fôlego, outra maneira de respirar. Acho a concisão melhor, não embroma o leitor. Não gosto de enrolação. Eu sou uma contista”, afirma-se. Critica o culto ao romance. “Li o Philip Roth, *O animal agonizante*, não conhecia. Tem passagens que não são tão boas... Mas ele tem força. Só que não confunda dança com ginástica, por favor: o Roth é um ginasta. Tudo o que faz é construído para atingir o leitor, para causar efeito. Dos modernos, o *Elizabeth Costello*, do Coetzee, aquele sim é um grande livro, muito melhor que *Desonra*”, diz a escritora, que entre os contemporâneos brasileiros prefere Cadão Volpato e Nuno Ramos.

Autora de páginas como *A paixão de Lia*, uma excruciante descrição dos últimos dias de uma pobre anciã de 90 anos, Vilma diz relevar Roth e Coeetze por tratarem de um tema que lhe é caro. O qual, para si, refuta com fúria. “Todo mundo está preocupado com a velhice. É porque nunca houve tantos velhos. Já pensou que chatura a velhice acabar, se todo mundo ficar jovem pra sempre, e não nascer mais gente? Freud dizia que as duas experiências básicas da vida, nascimento e morte, estão fora de alcance. Tenho muita curiosidade em relação à morte.” Sobre a Danada, Vilma não duvida: se atrapalhar seu caminho, pula fora antes. “Hoje nado, faço ginástica, caminho, leio, faço tudo. Você me dá 75 anos? Mas já combinei com uma médica amiga: se entrar em um túnel sem saída, me dê uma injeção de ar, por favor. Não dói nada – e você morre. Claro! Outro café?”, convida. Claro. Quem não quer mais um café com Vilma Arêas?

Ronaldo Bressane é escritor, jornalista e autor do blog *impostor.wordpress.com*

O LIVRO

Vento sul
Editora Companhia das Letras
Páginas 112
Preço R$ 30,00

ARTIGO

Somos todos atravessados pelo êxodo

José Luís Peixoto ficcionaliza um período crítico da vida portuguesa

Paulo Carvalho

Borges dizia que quando era um rapaz andava sempre à busca de novas metáforas. Depois descobriu que as metáforas realmente boas eram sempre as mesmas. O tempo é uma estrada. A morte é o sono. A vida é o sonho. Novas comparações podiam até causar uma surpresa inicial, mas nenhuma emoção profunda.

Borges gostava de se referir à ligação entre o tempo e o espaço com uma metáfora, o labirinto. O tempo-espaço do labirinto borgeano eram regidos pela lógica (aiônica) de William James: é impossível que se transcorra 14 minutos, porque antes é necessário que tenham se passado sete, e antes de sete, três minutos e meio, e antes de três e meio, um minuto e três quartos, "e assim até o fim, até o invisível fim, por tênues labirintos de tempo".

Livro (Companhia das Letras), último romance do escritor José Luís Peixoto lançado no Brasil, é um romance de metáforas essenciais, um romance sobre tênues labirintos de tempo. Também deste labirinto é impossível fugir porque todos os caminhos, ainda que finjam ir ao norte ou ao sul, levam a Portugal. Trata-se do primeiro romance sobre a diáspora portuguesa dos anos 1960 e 1970. Nele sobressai-se a ideia (novamente de Borges) de que bastam dois espelhos opostos para construir um labirinto.

Livro é uma saga de muitas idas e muitas vindas. Décadas da imigração portuguesa para a França. Livro circular em muitos aspectos. Labiríntico em muitos aspectos. Um livro sobre como o desejo e a falta, também em muitos aspectos, desempenham um acordo discordante para resultar justamente em uma história, em uma narrativa, em um romance, em suma – dobrado e redobrado sobre si, *mise en abyme* tão desnorteante quanto admirável.

"O tempo é parte da matéria que constitui a natureza mais fundamental de qualquer narrativa", comenta o autor português em entrevista ao **Pernambuco**. Para Peixoto, ainda que o tempo seja a respiração – e também aquilo que se aprendeu com o passado e a perspectiva implícita do futuro - dele não se exige apenas uma dimensão. "O tempo depende de mecanismos que são altamente não lineares, como a memória. Neste livro, o espaço e o tempo são marcas importantes. O romance é constituído por uma deslocação tanto no espaço como no tempo. Há divisões do romance que são de ambas as ordens, as marcas cronológicas mas, também, algumas partes que são divididas justamente pelo espaço em que tiveram lugar, como a fonte ou o quarto".

Então, *Livro* é uma cadeia? Um enredamento. No romance, o desejo de um menino abandonado pela mãe encontra o destino de uma garota. Personagens jovens que temem o que desejam, criados por personagens velhos que temeram o que desejaram. A narrativa desenha-se em contorno dessa falta-a-ser, estendida para além de existências diminutas (na incapacidade de simbolizar o abandono, Ilídio, esse é o nome do garoto, diz: "a vez em que a D. Milú não pagou ao pedreiro").

"A falta está muito presente em tudo o que escrevi até o momento. A ausência é o negativo da presença, é um elemento bastante concreto daquilo que há. No caso deste romance, no que toca à minha intenção, essa ausência tem muito diretamente que ver com uma marca importante da minha geração. Tendo nascido em 1974, no ano do final da ditadura, faço parte de uma geração que se caracteriza bastante por aquilo que não viveu", explica Peixoto, ganhador do Prêmio José Saramago pelo romance *Nenhum olhar* (2000).

A política surge igualmente de maneira fantasmática em *Livro*. Salazar é um vulto desse Portugal quase medieval, miserável e, no entanto, Salazar está sem qualquer descontinuidade no ar dessa vila distante. Peixoto aproxima-se com muita delicadeza dessa ausência física de poder que, no entanto, não deixa de ser eficaz porque sufocante. "Essa é a expressão da visão que tenho desse tempo histórico que não vivi. Salazar e o seu regime, parece-me, era como uma espécie de cor que tingia o ar. Principalmente, quando considerado pelos olhos de personagens como as deste romance, que não lidavam diretamente com a política, como o próprio regime esperava do seu povo, mas que, claro, eram vítimas dessa situação."

Não por acaso *Livro* sugere que não é possível falar de exílio, de emigração, sem que ao menos três ausências sejam atravessadas. A ausência de quem

JANIO SANTOS

partiu. A dos que ficaram. E, no interior de cada uma delas, a falta de quem não viveu diretamente a separação, mas se sente excluído do discurso da diáspora. O romance se movimenta aí, tradutor de ecos que só podem ser ouvidos, traumas que só podem emergir na fala de gerações seguintes.

"O fato de fazer parte de uma geração que não viveu a emigração em massa, a ditadura ou a guerra colonial, por exemplo, foi uma vantagem ao escrever porque não tinha a grande quantidade de constrangimentos que, ainda hoje, impede as pessoas de falarem abertamente nesses temas e que são parte da explicação porque só com estas páginas surge o primeiro romance português a narrar diretamente este enorme êxodo dos anos 1960. No qual, entre 1960 e 1974, só para França, emigraram mais de um milhão e meio de portugueses, o que significou 15% de toda a população", ressalta o autor.

15% da população longe de Portugal e só agora um romance a tratar diretamente dessa saudade que turvou o tempo, mas antes de qualquer coisa, *enterrou-se* em corações treinados em saudade. "Concordo que a terra seja um elemento fundamental neste romance, a ligação ao lugar a que se pertence, mas parece-me que a terra é algo que depende diretamente do tempo. A terra é a eternidade. A terra é o antes e o depois de nós".

Livro é rural e sua diáspora não é estranha a um leitor brasileiro e nordestino, sequer na maneira como os portugueses migraram para a França: na caçamba de carros, sob lonas, empoleirados, como em um pau de arara. O sertão é em todo lugar? "Creio que as ligações que possam existir entre aquilo que descrevi e a experiência do Nordeste tem essencialmente que ver com o carácter transnacional da ruralidade. Ao longo do tempo, tenho-me apercebido de que existem aspectos importantes da ruralidade que existem com for-

mas semelhantes em pontos muito distintos do globo. De modo idêntico, em grande medida, a experiência das migrações envolve elementos que se repetem em lugares que, muitas vezes, não têm contato direto entre si".

Rural, sim. Mas não um romance puxado a cavalos. *Livro* é contemporâneo, especialmente na maneira como a linguagem irrompe em sua segunda parte: autorreferente, abismática, repleta de conexões literárias. Mas é *Livro* quem se autodescreve melhor: "A segunda parte consiste num desequilíbrio estrutural injustificado, experimentalismo fora do tempo. É nesse ponto que o romance atinge níveis intoleráveis de arrogância. Para lá das constantes referências a autores que ele, nitidamente, desconhece num exercício fútil de *name--drop*, esperteza de Google, o clímax de insensatez é alcançado numa espécie de autocrítica que, fazendo parte do romance, se refere ao próprio romance. A autorreferencialidade e o pós-modernismo têm as costas largas". O jogo de espelhos é vertiginoso e o domínio que Peixoto demonstra sobre as relações especulares que cria impressiona, mesmo que o artifício, como sugere, em seguida, o próprio texto possa parecer uma "tentativa descarada de controlar as críticas que o romance possa sugerir. Como se quisesse antecipar-se aos comentários dos outros e, assim, os esvaziasse de sentido".

"Essa ruptura fez parte logo da ambição inicial do romance. Sempre a considerei como um aspecto fundamental de toda a estrutura e daquilo que pretendia atingir. Para além dos múltiplos objetivos internos que pretende alcançar, essa ruptura é a expressão da vontade de fazer um romance que não seja a repetição de nenhum outro", comenta Peixoto.

Livro, seu nono romance, agencia-se diretamente com títulos anteriores como é o caso notadamente de *Cemitério de pianos* (2006), *Uma casa na escuridão* (2002) ou *Morreste-me* (2000). "*Livro* toca diversas preocupações que já tratei em outros romances, levando-as a novos patamares de exigência e propondo reflexões diferentes. Ao mesmo tempo, creio que também apresenta algumas temáticas que são completamente novas naquilo que já escrevi e, no que diz respeito ao estilo, penso que torna um pouco mais nítida uma boa quantidade de elementos da narrativa. Sinto-me muito satisfeito com a voz deste romance. No que toca ao momento da sociedade portuguesa, há muitos pontos em que este romance ganha atualidade. Não apenas pelo facto de a emigração voltar a ser uma realidade, com muitos portugueses a irem viver para outros países, nomeadamente para o Brasil, mas também porque me parece que é muito importante que, hoje, se faça uma reflexão sobre o Portugal recente e a sua identidade".

O romance é rural, ainda que não "puxado a cavalos", e sua diáspora não é estranha a um leitor brasileiro ou nordestino

Não se deve falar daquilo que não conhece pelo risco de se faltar o testemunho. Lembra, à certa altura, *Livro* que, mesmo Flaubert que tanto insistiu no afastamento entre a obra e o autor, ao sentar-se no banco do tribunal não teve pudor de admitir que se chamava Emma.

Livro certamente é um testemunho, o primeiro a encarar sem rodeios a diáspora portuguesa, e certamente é privilegiado, pelo domínio da narrativa, por sua circularidade, pela consciência de que as coisas não podem entrar em devir, acontecer, sem que estejam no espaço e no tempo – sem que o espaço e o tempo possam, elásticos, ao gosto do desejo, ampliar-se e reduzir-se em tênues labirintos.

A narrativa de Peixoto avança rapidamente em seu fim e surge lentamente em seu início. Nesse exercício, tempo e espaço compartilham uma mesma natureza, a do intervalo, ainda que seja a do intervalo vazio, a mossa, a falta sentida por quem deixou a terra ou por quem nela permaneceu: abandono que só o amor é capaz de infligir.

O senso de integração agita-se, mas não se fragmenta. Não se esvai em tripas porque a questão da identidade insiste. O que é ser português? Note: nas aldeias, o acontecimento determinado pela distância temporal é possível porque tudo na comunidade permanece sempre o mesmo. Por outras sendas, o estrangeiro é aquele que dará ao aldeão a noção do acontecimento através da distância espacial, vivida dentro de um mesmo intervalo de tempo. "As distâncias temporal e espacial se sobrepõem, por fim, na figura do viajante. Ulisses, se pensarmos em um indivíduo. O Êxodo, se pensarmos na viagem coletiva canônica. Em *Livro*, as três distâncias se reversam para que os acontecimentos criem seus muitos labirintos.

Paulo Carvalho é mestre em comunicação social. Leia trecho do romance de José Luís Peixoto no site do Pernambuco: *www.suplementope.com.br*

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS

O CONTO DO GAROTO QUE NÃO É ESPECIAL

Lucas Mariz

Primeiro colocado da categoria Infantil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, realizado em 2010. Conta a história de um menino comum, igual a de outros de sua idade, mostrando que ninguém precisa de superpoderes para ser feliz. Ilustrações de Igor Colares.

R$ 15,00

ANJO DE RUA

Manoel Constantino

Primeiro colocado da categoria Juvenil no I Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil. Inspirado na história real de um menino que viveu nas ruas do Recife, mostra como uma amizade pode perdurar, mesmo na adversidade. Ilustrações de Roberto Ploeg.

R$ 20,00

A CABRA SONHADORA

Luzilá Gonçalves Ferreira

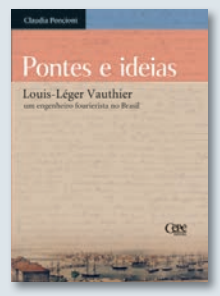
A cabrinha Cordulina, que sonha com o amor de um lindo bode chamado Matias, vive uma série de aventuras, que incluem voar e tomar banho de cachoeira, até que seu sonho se torna realidade. Ilustrações do artista plástico Luciano Pinheiro.

R$ 15,00

O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R$ 95,00



PONTES E IDEIAS

Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R$ 60,00

AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE

Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R$ 60,00

PANO RÁPIDO

Joca Souza Leão

A obra é uma compilação de breves e bem-humoradas histórias de escritores, jornalistas, artistas, poetas, políticos, populares e boêmios pernambucanos, anteriormente publicadas na coluna do autor na revista *Algomais*.

R$ 40,00

TAPACURÁ

Homero Fonseca

Segunda edição da obra *Viagem ao planeta dos boatos*. O leitor acompanha o rumor de que a barragem de Tapacurá havia estourado a partir de relatos, incluindo, no caso mais recente, a repercussão do mesmo em redes sociais.

R$ 15,00

POEMAS

Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

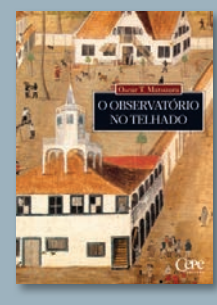
R$ 45,00

TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA

Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO

Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R$ 25,00

Cepe EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** *livros@cepe.com.br*

Ricardo Lísias

JANIO SANTOS

O céu dos suicidas

Sou um especialista em coleções, mas doei os meus selos há mais de dez anos. Tenho apenas um relógio, e dos meus avós herdei uma pequena quantidade de dinheiro e mais nada. Não guardo moedas estrangeiras, não tenho caixas de sapato cheias de cartões-postais e não catalogo canecas, maços de cigarro ou chaveiros. Tenho um aviãozinho da Pan Am, mas uma coleção exigiria, no mínimo, uma pequena frota.

A decisão de deixar as coleções de lado para ser um especialista não foi consciente. Quando entrei na faculdade, já tinha me desfeito das tampinhas de garrafa e da maior parte dos selos que juntara por alguns anos. Passei o curso de graduação inteiro sem pensar em coleções. De vez em quando, um professor dizia que os historiadores adoram o pó dos documentos e que ele mesmo já tinha passado muitas horas da vida debruçado sobre coleções de todo tipo. Nos cursos de história da arte, alguns colecionadores sempre eram citados. Mas, além disso, as coleções naquela época não me interessavam.

Nem sempre foi assim: durante a infância e a adolescência, cheguei a ter quase duas mil tampinhas de garrafa. Quanto aos selos, obrigatórios para quase todo mundo que sofre com a obsessão pelo colecionismo, cheguei a organizar belos conjuntos. Também reuni tudo o que encontrei sobre o time de futebol que me encantava aos doze anos. Mas, nesse caso, havia apenas paixão, o que jamais pode ser o elemento central da atividade de um colecionador sério.

Hoje, sequer assisto aos jogos do Brasil na Copa do Mundo.

Quando era adolescente, adorava mexer nas minhas tampinhas de garrafa. Todas estavam separadas segundo o país de origem e, depois, em grupos menores, a partir da bebida de onde tinham saído. Basicamente, distinguia entre os refrigerantes, mais numerosos, as bebidas alcoólicas e água.

Meu orgulho era uma série de tampinhas com caracteres árabes que tinha arranjado com um parente distante. Tentei entender o que estava escrito em algumas, mas, como não consegui, fui obrigado a abrir uma exceção no catálogo e não pude sequer separá-las por país. No caso de três tampinhas japonesas, também, até hoje não sei dizer se eram de água ou de refrigerante. Nunca achei que fossem de cerveja: ganhei o conjunto de um abstêmio.

Chamavam atenção, ainda, vinte e três tampinhas da Índia. Elas tinham sido presente de uma tia que, apesar de mal ter saído dos vinte anos, não suportara uma desilusão amorosa e, depois de passar algumas semanas chorando e gritando palavras sem sentido, resolvera procurar a própria história em uma pequena cidade a três horas de Nova Déli.

Eu devia ter por volta de quatorze anos quando ela viajou pela primeira vez. Meu avô tentou manter uma espécie de compostura compreensiva e só conseguia repetir que ela se arrependeria e logo voltaria para concluir a faculdade de Direito. O fato de ele ter pago as passagens da filha desiludida é um ponto de conflito entre o velho e minha avó até hoje. Fazendo as contas agora, acho que a última vez que minha tia esteve no Brasil foi há uns dez anos. Até onde sei, atualmente ela mal telefona no Natal.

Há uns dois anos, tive coragem de perguntar por onde minha tia desiludida andava. Minha avó começou a chorar, minha mãe pegou outra colher de arroz, fazendo um gesto de reprovação com o braço esquerdo, e meu tio, sempre competindo com a irmã caçula, disse cheio de desdém que em algum ponto entre o sul da Rússia, a Mongólia e o Cazaquistão.

Ela passa o tempo vagando com um grupo liderado por um monge que se diz a reencarnação do espírito que controla o lado afetivo dos seres vivos. Não apenas os humanos. Nesse momento, minha irmã quase cuspiu o que estava mastigando, engasgada com a piada. Eu tinha acabado de estragar o almoço de Páscoa.

Não acho a história engraçada. Não acredito no tal monge, claro, mas sempre gostei da minha tia. O irmão dela, o engraçadinho, incomoda-me um pouco. Quando ela voltou pela primeira vez, creio que em 1990 (não posso dizer a data exata, pois, desde que comecei a sentir saudades de tudo, perdi um pouco a noção do tempo), fiquei marcado pelo jeito com que me entregou as tampinhas que tinha trazido.

Para a sua coleção, Ricardo. Eu não consigo esquecer essa frase: para a sua coleção, Ricardo. Ela me passou o pacotinho com o olhar distante. Estávamos todos esperando no aeroporto. Quando a porta se abriu, logo nos avistou, acenou e veio caminhando bem devagar. Minha avó começou a chorar. Ela abraçou um por um. Depois, se eu estiver certo, fui o primeiro a ganhar um presente. Para a sua coleção, Ricardo.

Para quem adorava andar de bicicleta, e sempre tivera os afetos muito intensos, os gestos dela pareciam vagarosos demais. Fiquei olhando as tampinhas no caminho do aeroporto até a casa do meu avô, onde iríamos comemorar a visita.

Se eu estiver certo, minha tia desiludida voltou ao Brasil depois de oito anos. Já estávamos no finalzinho do século. Não conseguimos nos ver: a visita coincidiu com uma prova bastante importante dos exames para a pós-graduação. Eu estava concentrado e, quando finalmente voltei para São Paulo, ela já tinha ido embora.

Jamais esqueci o olhar de desolação da minha mãe ao me contar que a irmã, naquele momento ela própria uma monja, tinha avisado que o mundo sofreria uma grande catástrofe, e talvez acabasse na entrada do século XXI.

Ela nunca mais voltou ao Brasil. Afetuosa, deixou-me nessa segunda visita três outras tampinhas. Mas eu já estava começando os estudos para me tornar um especialista e, com a soberba que herdei do meu tio, joguei-as fora. Estudar a origem delas, como faria todo bom colecionador, sequer passou pela minha cabeça.

Desde que tudo isso começou, tenho percebido que sentir saudades significa, em alguma parcela, arrepender-se. Fico tentando relembrar uma série de coisas. Se não tivesse jogado as tampinhas fora, por exemplo, a frase da minha tia talvez hoje fizesse algum sentido para mim. Para a sua coleção, Ricardo.

Não tenho mais nenhuma coleção.

Semana passada voltei à lata de lixo onde joguei uma parte das tampinhas fora, justamente os exemplares mais nobres. A outra parte, deixei para o lixeiro na manhã seguinte. Eu não tinha esperança de encontrá-las: afinal já se passaram quase vinte anos. Acho que é isso mesmo: vinte anos. Apenas olhei as pessoas, a estação de metrô e os arredores. E infelizmente não encontrei nada que me dissesse respeito.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Lísias lança este mês seu novo romance *Céu dos suicidas*. O trecho que publicamos é o início da obra.

INÉDITOS

Angélica Freitas

a mulher vai

a mulher vai ao cinema
a mulher vai aprontar
a mulher vai ovular
a mulher vai sentir prazer
a mulher vai implorar por mais
a mulher vai ficar louca por você
a mulher vai dormir
a mulher vai ao médico e se queixa
a mulher vai notando o crescimento do seu ventre
a mulher vai passar nove meses com uma criança na barriga
a mulher vai realizar o primeiro ultrassom
a mulher vai para a sala de cirurgia e recebe a anestesia
a mulher vai se casar, ter filhos, cuidar do marido e das crianças
a mulher vai a um curandeiro, com um grave problema de hemorroidas
a mulher vai sentindo-se abandonada
a mulher vai gastando seus folículos primários
a mulher vai se arrepender até a última lágrima
a mulher vai ao canil disposta a comprar um cachorro
a mulher vai para o fundo da camioneta e senta-se, choramingando
a mulher vai colocar ordem na casa
a mulher vai ao supermercado comprar o que é necessário
a mulher vai para dentro de casa para preparar a mesa
a mulher vai desistir de tentar mudar um homem
a mulher vai mais cedo para a agência
a mulher vai pro trabalho e deixa o homem na cozinha
a mulher vai embora e deixa uma penca de filhos
a mulher vai no fim sair com outro
a mulher vai ganhar um lugar ao sol
a mulher vai poder dirigir no afeganistão

a mulher pensa

a mulher pensa com o coração
a mulher pensa de outra maneira
a mulher pensa em nada ou em algo muito semelhante
a mulher pensa será em compras talvez
a mulher pensa por metáforas
a mulher pensa sobre sexo
a mulher pensa mais em sexo
a mulher pensa: se fizer isso com ele, vai achar que faço com todos
a mulher pensa muito antes de fazer besteira
a mulher pensa em engravidar
a mulher pensa que pode se dedicar integralmente à carreira
a mulher pensa nisto, antes de engravidar
a mulher pensa imediatamente que pode estar grávida
a mulher pensa mais rápido, porém o homem não acredita
a mulher pensa que sabe sobre homens
a mulher pensa que deve ser uma "supermãe" perfeita
a mulher pensa primeiro nos outros
a mulher pensa em roupas, crianças, viagens, passeios
a mulher pensa não só na roupa, mas no cabelo, na maquiagem
a mulher pensa no que poderia ter acontecido
a mulher pensa que a culpa foi dela
a mulher pensa em tudo isso
a mulher pensa emocionalmente

SOBRE O AUTOR

Angélica Freitas é autora de *Rilke Shake* e assina o blog *http://loop.blogspot.com*

a mulher quer

a mulher quer ser amada
a mulher quer um cara rico
a mulher quer conquistar um homem
a mulher quer um homem
a mulher quer sexo
a mulher quer tanto sexo quanto o homem
a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça lentamente
a mulher quer ser possuída
a mulher quer um macho que a lidere
a mulher quer casar
a mulher quer que o marido seja seu companheiro
a mulher quer um cavalheiro que cuide dela
a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar
a mulher quer conversar pra discutir a relação
a mulher quer conversa e o botafogo quer ganhar do flamengo
a mulher quer apenas que você escute
a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho
a mulher quer segurança
a mulher quer mexer no seu e-mail
a mulher quer ter estabilidade
a mulher quer nextel
a mulher quer ter um cartão de crédito
a mulher quer tudo
a mulher quer ser valorizada e respeitada
a mulher quer se separar
a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
a mulher quer se suicidar

JANIO SANTOS

RESENHAS

JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

Cartões-postais que o poeta envia para o seu nada

Nova coleção de poemas demonstra a força da literatura de Paulo Henriques Britto

Schneider Carpeggiani

Lendo uma biografia de Anne Sexton, dei de cara com uma das melhores declarações que um poeta pode receber (ou, ao menos, o nervo sensível que na minha cabeça move o verdadeiro leitor de poesia): "Não sou leitora de poesia, mas leio Anne Sexton". Acredito mais em poetas do que na palavra "poemas". Acredito na faca só lâmina de João Cabral. Na sensualidade nostálgica de Manuel Bandeira. Nos falsos diários de Ana Cristina César. Nas imagens de horror doméstico de Sylvia Plath. E em Paulo Henriques Britto.

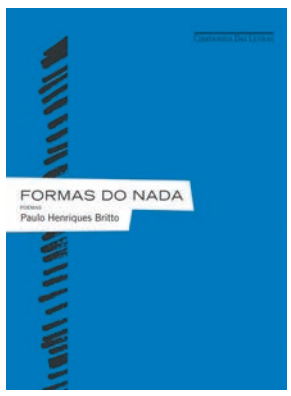
Meu primeiro contato com sua obra foi a partir das traduções de Elizabeth Bishop (tradução de poesia é poesia, uma "outra" poesia). Suas versões souberam transmitir tão fortemente o impacto de que perder é mais fácil do que se pensa e a solidão de um Crusoé, ilhado, na contemplação obsessiva do seu isolamento (talvez deliberado, talvez não...). Só depois, bem depois, que fui ter contato com sua assinatura pessoal como poeta. Foi um grato caminho sem volta. Sua obra mais recente, *Formas do nada*, só ressaltou minha impressão inicial: sim, acredito em Paulo Henriques Britto. E muito.

O livro magro e conciso (como devem ser os volumes de poemas que não querem se perder no excesso de palavras, que não podem exceder o espaço mínimo com que o verso precisa nos colocar em nocaute) narra, conta e contamina as tais formas do nada de que fala o título. E por "nadas", é claro, pensamos justamente em acontecimentos centrais para compreendermos o que é necessário para que o mundo faça sentido, ou esvazie de sentido, ações que só um grande autor pode nos fazer enxergar. Paisagens internas, cartões-postais que fotografam e enviam aquilo que carregamos lá dentro.

É o caso de *Circular*: "Neste mesmo instante, em algum,/ alguém está pensando a mesma coisa/ que você estava prestes a dizer./ Pois é. Esta não é a primeira vez./ Originalidade não tem vez/ neste mundo, nem tempo, nem lugar./ O que você fizer não muda coisa/ alguma. Perda de tempo dizer./ Mesmo parecendo que desta vez/ algo de importante vai ter lugar,/ não caia nessa: é sempre a mesma coisa.". Em outro trecho, mais à frente, é direto ao nos sentenciar: "Todas as soluções são boas/ menos a que você escolher./ Escolha, sim, (Mesmo que doa,/ dá uma espécie de prazer.)"

Em *Horácio de baixo*, o poeta se diz independente de mandalas, horóscopos e oráculos: "Tentar prever o que o futuro te reserva/ não leva a nada. Mãe de santo, mapa astral/ e livro de autoajuda é tudo a mesma merda./ O melhor é aceitar o que de bom ou mau/ acontecer. O verão que agora inicia/ pode ser só mais um, pode ser o último -/ vá saber. Toma o teu chope, aproveita o dia,/ e quanto ao amanhã, o que vier é lucro."

Formas do nada é o testemunho de um autor que acredita no endereçamento da palavra exata, sem excessos (não digo de palavras, mas de sentimentos e índices), que o leitor (o leitor de Paulo Henriques Britto, o leitor que acredita no "nome" de um poeta) não pode jamais deixar de escutar.



POEMAS

FORMAS DO NADA
Autor – Paulo Henriques Britto
Editora – Companhia das Letras
Preço – R$ 32,00
Páginas – 80

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

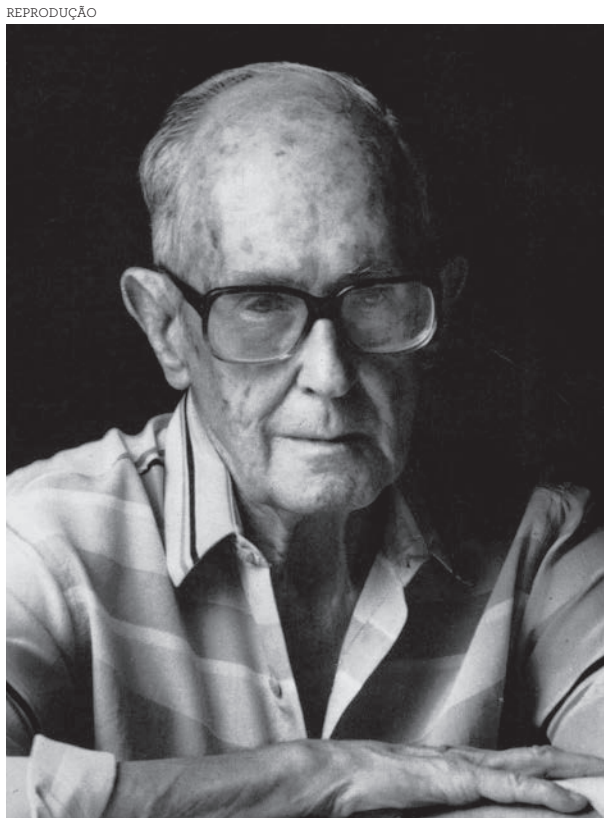
MANUEL BANDEIRA

Espaço Pasárgada homenageia o poeta com mês dedicado à recriação de sua obra

Abril é o mês de Manuel Bandeira (foto), um dos ícones da literatura brasileira, que teve o poema *Os sapos* como um dos mais polêmicos e emblemáticos da *Semana de Arte Moderna de 22*. Apesar de ter vivido no Rio de Janeiro depois de adulto, Bandeira é um dos representantes da literatura pernambucana. O Espaço Pasárgada, casarão da sua infância na Rua da União, promove todos os anos uma semana de homenagens ao poeta. Haverá palestras, mostra de fotografias, exibição do documentário *O Poeta do Castelo* (1959), de Joaquim Pedro de Andrade, contação de histórias, plantão literário, recital poético e visitas de alunos de escolas públicas, que vão recriar livremente o universo bandeiriano, relacionando-o com outras linguagens.

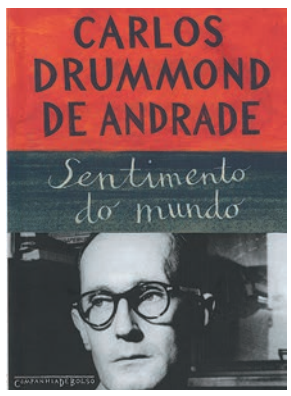
REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO



Múltiplas escolhas

A nova edição de bolso de *Sentimento do mundo*, talvez o livro mais conhecido de Carlos Drummond de Andrade, chega envolta com o lembrete de que ele é indispensável para a bibliografia de certo vestibular. Fico sempre preocupado quando grandes obras literárias são submetidas ao certo e ao errado, ou à exatidão de provas. Como prescrever alguma certeza diante de um poema tão poderoso como *Os ombros suportam o mundo* e seu realismo, que parece abrigar a profundidade de um buraco negro? Ou mesmo a confusão de sentimentos, entre a penúria social e o sol acolhedor da praia, de *Os inocentes do Leblon*? Complicado, para dizermos o mínimo. *Sentimento do mundo* faz parte da reedição das obras completas do autor, que a Companhia das Letras começa a lançar este ano, comemorando os seus 110 anos de nascimento. A "drummondmania", no entanto, chegará ao seu auge em julho, quando ele será o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), espécie de *Fashion Week* das nossas letras. **(S.C.)**



POESIA

Sentimento do mundo
Autor – Carlos Drummond de Andrade
Editora – Companhia das Letras
Preço – R$ 15,00
Páginas – 96

DIVULGAÇÃO

Sempre em reinvenção

Joca Reiners Terron é um dos personagens (sim, personagens) mais fortes da literatura brasileira contemporânea. Esse homem alto, careca e com uma barba messiânica, a cada novo livro, parece se transformar num outro escritor. Flertou com a literatura *beat* e com o artificial das relações, no seu romance *Do fundo do poço se vê a lua*, que fez parte da coleção Amores Expressos da Companhia das Letras. A metamorfose ambulante do seu texto continua pelo novíssimo *Guia de ruas sem saída* (seu primeiro livro pela Editora Edith, que já conta em seu elenco com nomes como Marcelino Freire). Aqui temos um autor lidando com as matizes do duplo. Literalmente. A obra é permeada por duas histórias, dois protagonistas e duas linguagens. Terron compartilha o seu espaço narrativo com os belíssimos desenhos do quadrinista curitibano André Ducci. O livro se passa numa cidade utópica, a Nãorizonte, uma metrópole suja, que se ergue como um retrato exagerado de São Paulo. **(S.C.)**

ROMANCE

Guia de ruas sem saída
Autor – Joca Reiners Terron
Editora – Edith
Preço – 35,00
Páginas – 256

PRATELEIRA

O HOMEM É BOM?

A Editora Nemo (Grupo Editorial Autêntica) é responsável no Brasil pela obra de Moebius, desde julho de 2011, quando iniciou uma coleção dedicada ao artista, um gênio da luz e do espaço que mudou definitivamente a história dos quadrinhos e das artes visuais na segunda metade do século 20. Moebius morreu em março, quando já estava previsto o lançamento de dois novos títulos, um dos quais *O homem é bom?* O autor foi um dos primeiros a adotar o gênero ficção científica nas HQ, influenciando de mangás japoneses a filmes de Hollywood.

Autor::Moebius
Editora: Nemo
Páginas: 56
Preço: R$ 49,00

TODO DIA ME ATIRO DO TÉRREO - TUITEIRA

O fenômeno das redes sociais inspirou o jornalista Lula Falcão a criar a personagem Maria Lúcia, típica das grandes cidades, uma produtora cultural fracassada, que chega aos 30 anos viciada em sexo virtual, vodca, miojo e literatura de 140 caracteres. Ela circula pelos bares e tem obsessão pelo twitter, a ponto de afastar a ideia de morte apenas para não decepcionar seus seguidores ao ficar *off-line*. O livro esmiúça seu diário.

Autor: Lula Falcão
Editora: Bookess
Páginas: 144
Preço: R$ 31,00

O COLETOR DE ALMAS

História de terror, com personagens inspirados nas mitologias nórdica e etrusca: a menina Lisa, que descobre um segredo e passa a ser caçada; Larval, o coletor de almas, eternamente preso no núcleo central de Yggdrasil, a árvore-mãe que fornece o sustento do mundo; e o Ceifador, um assassino, figura triste e atormentada. O livro é o primeiro volume da série *As viagens da peregrina do tempo e da terra.*

Autor: Douglas MCT
Editora: Gutemberg
Páginas: 144
Preço: R$ 29,00

ANTOLOGIA DO CORDEL BRASILEIRO

Reúne cordéis de várias gerações de autores, desde aqueles inspirados em contos fantásticos, passando por histórias de animais, até obras críticas ou humorísticas. O organizador, que é poeta popular, folclorista e editor, quis mostrar que os estudiosos costumam deixar de lado os cordéis contemporâneos, mas sua produção continua a crescer, não só na região Nordeste.

Organizador: Marco Haurélio
Editora: Global
Páginas: 257
Preço: R$ 37,00

CLISERTÃO

Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura

Será realizado em Petrolina, em 14 e 15 de maio, o Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura no Sertão – Clisertão, promovido pela Fundarpe, Sec. de Ciência e Tecnologia e UPE, com apoio da prefeitura local. Haverá recitais, leitura e manifestações da cultura sertaneja, além de palestras na Tenda da Palavra e discussões acadêmicas na Praça Ciência, focalizando a produção e as políticas públicas para o livro.

MOSTRAPE

Projeto *Nós Pós MostraPE* tem recitais até novembro

Toda segunda quinzena do mês, nas quintas-feiras, até novembro, acontecem recitais, performances, *pocket show* e outras manifestações, dentro da programação do *Projeto Nós Pós MostraPE*, em quatro espaços: Casa Mecane (Av. Visconde de Suassuna, 338, Santo Amaro); sede da UBE (Rua de Santana, Casa Forte); Livraria Cultura (Recife Antigo) e Biblioteca Pública do Estado (Parque 13 de Maio). Acesso grátis.

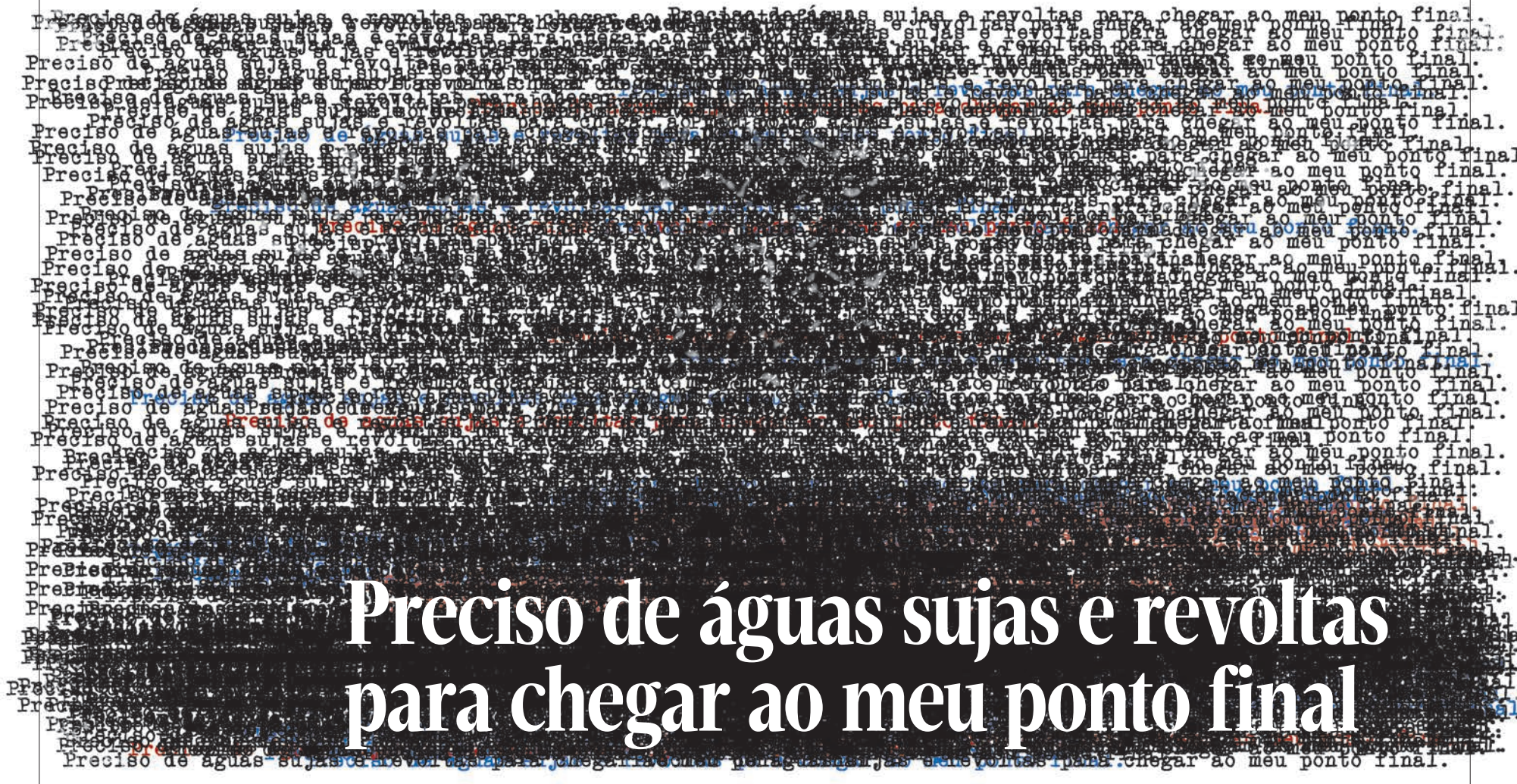
ALMOÇO CULTURAL

Alternativa é adotar cinema com palestra ao meio-dia

Cada vez mais pessoas usam o horário do almoço para assistir a sessões de cinema com bate-papo, no Centro Cultural Correios, no Bairro do Recife. A entrada é gratuita. O projeto *Curta Doze e Meia* tem patrocínio dos Correios, apoio do Coletivo NegoBom, da Regional Nordeste do Ministério da Cultura e da Sambada Comunicação e Cultura. As sessões ocorrem toda quinta-feira, no auditório do CCC, às 12h30.

CRÔNICA

Ronaldo Wrobel



Preciso de águas sujas e revoltas para chegar ao meu ponto final

Várias pessoas me perguntam por que não tenho escrito contos. Eu mesmo me pergunto isso, sem encontrar resposta. Adoro ler e escrever contos. Entre minhas obras prediletas estão contos de Josué Montello, Clarice Lispector e Isaac Bashevis Singer. Em 2001 lancei um livro de contos, *A raiz quadrada*, do qual me orgulho. Contos são (ou tendem a ser) sintéticos e coerentes, o que enaltece a literatura. Não me faltam enredos para bons contos. Semana passada, por exemplo, pifou o aparelho para surdez da mulher à minha frente na fila do supermercado. Foi engraçado porque ela fazia a linha "consumidora eloquente", dessas que mandam chamar o gerente para discutir geleia de mocotó. O que fiz? Tranquei a ideia numa gaveta e não escrevi conto algum. Por quê?

Fazer contos tem vantagens e desvantagens, como quase tudo. A vantagem está em se trabalhar um texto enxuto e original, sem passado nem futuro. Diferente é o romance, um vasto mundo cheio de regras e premissas. Criar um romance é como administrar uma empresa e enfrentar acionistas em assembleias acaloradas. Ninguém está ali só para o cafezinho. Todos opinam, divergem, ressalvam. "Não gosto dessa cena", reclama um personagem. Outro quer mais destaque ou repudia sua última fala. "Você já me usou três vezes", alerta o verbo borboletear, exigindo moderação. E por aí vai.

Em contraste com tamanha disciplina, o conto pode ser um grito de liberdade: novinho, zerado, sem passado nem futuro. Perfeito para testagens, ousadias, maluquices, com a vantagem adicional de ser unitário e compacto. Começo, meio e fim estão todos ali, no seu quintal criativo, ao alcance dos olhos. Já o romance é um continente, um planeta, uma galáxia que nem a luneta mais potente consegue abranger numa só espiada. O austríaco Stefan Zweig dizia ter problemas para escrever tramas que sua memória não pudesse abarcar num relance, panoramicamente. Muitos romancistas enfrentam a aflição do navegador sem bússola em alto mar. William Faulkner afirma que o artista é uma criatura arrastada por demônios, verdade bastante aplicável ao romance. Num dado momento você já não sabe para onde vai, de onde vem nem onde está. Ante a imensidão do romance, o conto parece um lago – não necessariamente manso ou cristalino, mas de cujas águas sempre se enxergam (ou se pressentem) as margens.

Não estou ditando regras, claro. Arte não é ciência exata e cada artista tem seus critérios, ritos, lampejos inventivos. O fato é que, quando escrevo um romance, não me sinto um nadador altivo e resoluto em sua jornada heroica. Estou mais para o náufrago que braceja ao relento e vai se agarrando a tudo, de tronco de árvore a barbatana de tubarão. Preciso de águas sujas e revoltas para chegar ao ponto final.

Metáforas à parte, escritores costumam ter um acervo de ideias à disposição. Ideias avulsas, aleatórias, versáteis, como um baú de relíquias. Nem sempre – ou quase nunca – são peças completas, prontas para usar, *prêt-à-porter*. Há pedaços sem encaixe nem função prática, algo parecido com os guardados de minha finada avó, cujas gavetas tinham canetas sem tinta, isqueiros enferrujados, nota fiscal de peruca, algum botão perolado ou um *souvenir* da Iugoslávia. Gosto de ter esse arsenal à mão: virginal, intocado, impoluto. Se gastá-lo num conto ou ensaio, perderá o ineditismo. Serão ideias usadas, como um fósforo queimado.

Há quem me aconselhe a escrever os tais contos e a mantê-los guardados, trancafiados num cofre, frescos e imaculados. Em teoria é um bom conselho, não fosse o porém: ideias escritas, refinadas e contextualizadas, nunca voltam ao estado original, à abstração genuína. Em seu ótimo *A louca da casa*, a espanhola Rosa Montero discorre sobre a arte da escrita e se declara às vezes paralisada diante do teclado. Não paralisada pela preguiça, por falta de inspiração ou coisa que o valha, mas pelo medo. Sim, pelo medo. É que a palavra grafada, aposta no papel, adquire consistência, forma, textura. Os caminhos da invenção dificilmente têm volta: a ideia se solidifica, vira pedra, vira montanha. É virtualmente impossível devolvê-la ao ventre criativo, ao seu primórdio amorfo. Imagine-se uma gota de nanquim pingada num lençol branco. É assim que a ideia se entranha na memória. Não há removedor que restitua a alvura ao lençol, nem milagre que remeta o nanquim de volta ao frasco.

Vou citar um caso prático. Outro dia eu descrevia, num trecho de meu próximo romance, a relação entre uma personagem e seu pai. As frases me vinham cristalinas, caudalosas. Os dedos saltitavam no computador, quase à minha revelia. Eu vivia um surto criativo, extasiante, luminoso. Qualquer médium de botequim falaria em transcrições espíritas, vidas passadas, Clarice Lispector. Mas não peco pelo misticismo. Sou cafetão e conheço as artimanhas de minhas putas. Relendo o trecho luminoso, senti um *déja vu* meio malandro. O que estava acontecendo? Mexe daqui, mexe dali e a verdade se delata com o rabo entre as pernas. Não é que eu tinha repetido, literalmente, todo um parágrafo de meu romance *Traduzindo Hannah*, lançado em 2010? O cérebro havia me pregado uma peça engenhosa, expedindo a ideia pronta, já temperada, desossada e embalada feito presunto natalino. Era uma iguaria imprestável porque o texto novo pedia outra coisa: situações diferentes, demandas diferentes, potenciais diferentes. E eu ali, prestes a morder a isca, recaído em vícios preguiçosos, num autoplágio por obra e graça desse espertinho que me habita o crânio.

Por essas e outras que gosto de ter à mão ideias não concatenadas, desafiadoras, para usá-las em prol do texto e não delas mesmas. Sou um artesão, um relojoeiro dos ventos. A consumidora surda, por exemplo, tanto pode estrelar algum capítulo quanto ser figurante de subtrama, a despeito de suas esplêndidas capacidades, de seu passado glorioso, de suas contas a pagar. Não procuro histórias nem personagens sob medida para enxertos instantâneos. Quero pedaços, fragmentos, matéria-prima, argila. Chega a ser comovente ver aquele diamante relegado a paetê, mas faz parte do processo criativo. Experiências mórbidas acontecem aos montes: cientista louco não sente pena de grilo perneta. Nenhum regente dá conta de um coral harmônico com trinta divas em disputa no palco.

O mais curioso é que a coisa não termina quando acaba. Mal ponho o ponto final num dado texto e recebo flores de figuras desprezadas ou mutiladas: quem sabe na próxima obra? Não raro são pedaços despedaçados: o elo de uma corrente, geleias sem mocotó, um anão caolho, corujas depenadas, dentaduras banguelas. Alguns estão ociosos há vinte anos, abanando leque na sala de espera, saudosos de suas metades já publicadas.

Às vezes acho que essa legião de esquecidos merecia uns bons contos ao invés de agonizar no meu limbo criativo. Quem sabe não estão ocupando o lugar de outras figuras, outros vultos, ávidos candidatos ao esquecimento? Quem sabe não sou um deles?

SOBRE O AUTOR

Ronaldo Wrobel é autor, entre outros, do romance *Traduzindo Hannah*.